

**Universidade Federal do Espírito Santo**

Programa de Pós-graduação e Mestrado  
Profissional em Educação

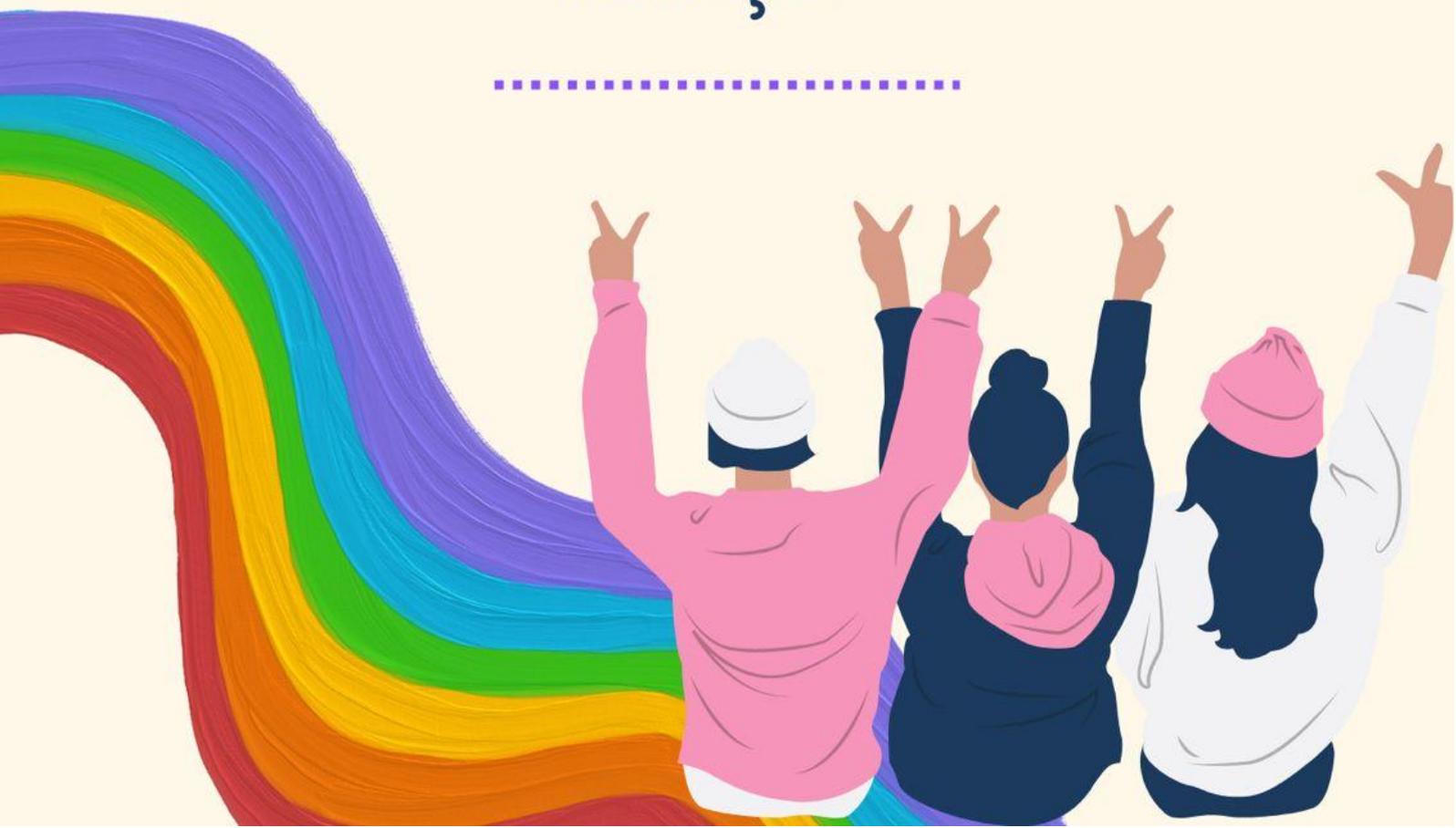
**Camila Dalvi Venturim**

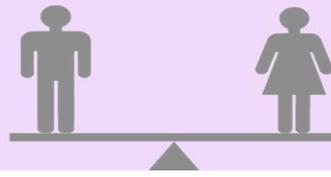
.....

**Dá pra falar de gênero na escola?**

Oficinas pedagógicas como  
possibilidades metodológicas de  
formação.

.....





CAMILA DALVI VENTURIM

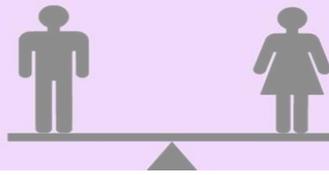
**Dá pra falar de gênero na escola? Oficinas pedagógicas como possibilidades metodológicas de formação.**

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação e Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração: "Educação".

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemeire Santos Brito

Vitória

2022



## **Apresentando a autora**

### **Camila Dalvi Venturim**

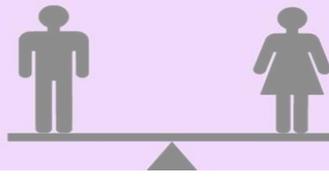


Imagem: Arquivo pessoal

Filha de agricultores, natural de Alto Monte Alverne, zona rural de Castelo-ES. A primeira da família a concluir um curso superior é também a primeira da família a concluir um curso de mestrado. E tudo isso – da pré-escola na escola unidocente ao mestrado- graças à educação pública.

Professora de Sociologia na rede estadual do Espírito Santo (SEDU-ES) desde 2014, é bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, Pós-graduada em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Espírito Santo, Pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo e agora, mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Iniciou a docência ainda durante a graduação, em 2011, quando se tornou professora voluntária de História no pré-vestibular social, projeto de extensão organizado pela UFF – Campos dos Goytacazes, onde também foi coordenadora docente. Desde então, nunca mais parou de dar aula atuando posteriormente na rede pública e privada do Espírito Santo.



## Sumário

Apresentação .....	5
Notas introdutórias .....	6
Gênero, currículo e formação de professores e professoras .....	7
Objetivo geral: .....	11
Objetivos específicos .....	11
Oficina 1 .....	12
Oficina 2 .....	23
Oficina 3 .....	37
Apêndices .....	45
REFERÊNCIAS .....	67



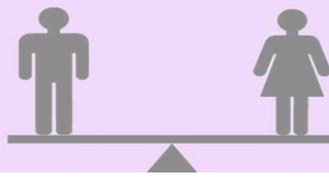
## Apresentação

Cara/o colega docente,

Este material pedagógico faz parte da pesquisa desenvolvida durante o Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo por Camila Dalvi Venturim, sob orientação da Professora Doutora Rosemeire dos Santos Brito. Considerando a relativa ausência de formação inicial e/ou continuada sobre a temática de gênero diagnosticada em nossa pesquisa, pretendeu-se por meio de oficinas pedagógicas acerca da temática de gênero e diversidade sexual sensibilizar e fornecer estratégias teórico metodológicas para se discutir inicialmente a temática com o corpo docente. A pesquisa foi desenvolvida com professores e professoras de sociologia, geografia, história, filosofia e de ciências biológicas que atuam no ensino médio em uma escola estadual localizada no município de Castelo - ES, lócus da pesquisa intitulada: **Gênero, sexualidade e formação docente: uma reflexão sobre a escola e as violências de gênero.**

Neste material, descreveremos como ocorreram o planejamento e a realização das oficinas realizadas com tais professoras e professores, além de sugestões de materiais complementares que podem e devem ser utilizados tanto em formação e professores e professoras, quanto com estudantes. Essas oficinas fazem parte de um sonho de um projeto maior que seria um curso sobre a temática, disponível a mais docentes possíveis. Dadas as nossas condições atuais de pesquisa, optou-se pelo recorte a essa parte introdutória que é, o estopim para algo que desejamos desenvolver futuramente.

É nosso desejo que este material possa contribuir com a sensibilização e mobilização de outros e outras tantos/os docentes que anseiam problematizar as questões de gênero na escola, mas sentem-se pouco embasados conceitualmente para tal. Esperamos, através da pedagogia da autonomia permitir que a educação ajude a minimizar as formas de desigualdade e opressão e que professores/as sejam instrumentos dessa tarefa. Nossa proposta é que este material seja explorado e adaptado às diferentes realidades, permitindo que professores/as e futuros profissionais da educação estabeleçam uma prática reflexiva sobre as formas de violência que muitas vezes a escola reproduz, mas que pode e deve ser capaz de transformar.



## Notas introdutórias

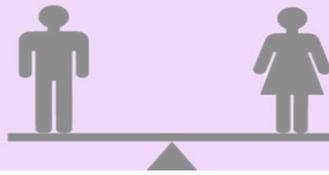
Falar de gênero num país que tem sido assolado pelo neoconservadorismo já é um desafio. Falar de gênero e educação é ainda mais desafiador sobretudo quando pensamos os baixos investimentos que têm sido destinados à produção de conhecimento científico e os frequentes ataques pelos quais professores e professoras vêm passando. Neste sentido, a produção desse material é pois uma ação de resistência. Mas os desafios não param por aí...

Importante lembrar que toda a minha formação do mestrado, bem como produção desse material, se deu em um período pandêmico. A pandemia da Covid 19 chegou ao mundo em dezembro de 2019 e ainda no momento da escrita desse trabalho estamos (con)vivendo com ela. Milhares de famílias perderam pessoas queridas, milhares de professores e professoras tiveram que se reinventar e adaptar sua maneira de trabalho para levar educação a tanta gente. A vocês eu dedico este trabalho.

Eu (Camila) sou uma professora da rede pública estadual que devo à educação pública e às políticas públicas toda minha formação. Desta vez não foi diferente e a minha participação num curso de pós-graduação de uma universidade federal só foi possível graças ao Programa Pró Docência da Secretaria de educação do Espírito Santo (SEDU) que permitiu a redução da minha jornada de trabalho em 40% para que eu pudesse conciliar meu trabalho e meus estudos. A vocês, meu muito obrigada.



Ilustração feita pelo meu estudante da 2ª série de Logística da EEEFM João Bley: Miguel Domingues. 2022



## Gênero, currículo e formação de professores e professoras

Uma das especificidades do mestrado profissional consiste no fato de ele estar formando um pesquisador da prática pedagógica e, nesse sentido, o mestrado profissional se apresenta como a possibilidade de “formação de formadores” (ANDRE, 2016). Nós, docentes em atividade, temos a possibilidade de refletir criticamente sobre nossa prática cotidiana, apresentar problemas inerentes à sala de aula e, junto com a comunidade científica, pensar possibilidades de mitigação desses impasses/problemas, propor alternativas através de uma pesquisa engajada (GATTI, 2014).

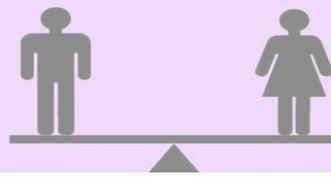
Foi nessa lógica que eu, professora da educação básica, intrigada com as desigualdades e violências de gênero por vezes naturalizadas no ambiente escolar, me propus a refletir sobre essa temática. Considerando as instituições de ensino como espaço privilegiado para uma formação integral de meninos e meninas e para o exercício da cidadania, acredito que o debate sobre essa temática tem papel central na promoção de mudanças sociais. Além disso,

[...]há que se enfrentar o desafio de promover a educação em direitos humanos, de qualidade e inovadora, nas escolas, na formação inicial e continuada de professores, na elaboração de materiais didáticos e pedagógicos, em espaços formais e não formais de educação, enfim, em todos “os cantos”, de forma que possamos chamar atenção para a necessária universalização dos direitos humanos.” (MORAES et al, 2021, p 11)

Sabe-se que o currículo opera numa lógica de relações de poder (MOREIRA; SILVA, 2009), e

[...] nunca é neutro: desde a seleção dos conteúdos, autores/as, materiais didáticos, perspectivas teórico-metodológicas etc., tudo opera em torno da produção de sentidos e de relações de poder. Nesses termos, pensar em currículos de formação docente que contemplem gênero e sexualidade como questões importantes e uma operação ética, política, pedagógica e institucional atravessada por disputas e tensionamentos (FELIX, 2015, p. 226).

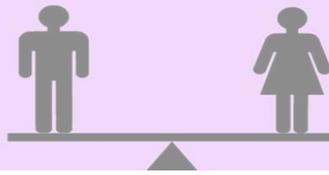
Diniz (2020) nos alerta que se deve inserir “cotidianamente as questões de gênero e sexualidade para que possamos construir práticas que não ignorem as diferenças entre mulheres e homens, contribuindo para a construção de relações mais justas entre todos e todas que frequentam os espaços escolares” (DINIZ, 2020, p. 16). A ausência de tal discussão dificulta que se quebre laços visíveis e invisíveis do patriarcado que, ainda hoje, são usados como justificativa para crenças e práticas sociais extremamente violentas. Somada à aplicabilidade efetiva da lei, considero importante trabalhar com prevenção através da



construção de valores e, para isso, os professores assumem papel fundamental, mas, necessitam receber formação inicial e continuada para se sentirem aptos a esse trabalho.

A baixa ou nenhuma discussão sobre a temática na formação básica dos estudantes estabelece uma hierarquia que privilegia determinados conhecimentos em detrimento do silenciamento/desimportância de outros e que quando apresenta as questões de gênero, atribui a elas um caráter secundário. É como se a “linha abissal” (SANTOS, 2007) que divide a realidade social entre o "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha", colocasse as mulheres “do outro lado” e, tal qual a teoria, quem ocupa esse lugar, ocupa um “não lugar”, inexistente, sendo excluído de forma radical, invisibilizado. Tudo isso produz um enorme desperdício de experiências e possibilidades, e somente uma sociologia das ausências e das emergências (SANTOS, 2001) seria capaz de mudar essa realidade e valorizar a importância de se estudar as questões de gênero e contribuir para um mundo mais equânime. Com objetivo de colaborar na construção desse mundo mais equânime, bem como na formação completa dos sujeitos foi que a UNESCO definiu os 4 pilares da educação. Estes são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Acredito que as discussões de gênero conversam tanto com “aprender a conviver” quanto com “aprender a ser”, sobretudo porque a ideia de aprender a conviver está empreendida na máxima do respeito ao pluralismo, e de aprender a ser ligada à autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal (DELORS, 2001).

“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 79). Defendemos, assim, como Paulo Freire, a necessidade de uma educação crítica, libertadora e engajada com a realidade dos sujeitos, para que através de uma prática comprometida possam refletir criticamente e transformar a realidade social. Quando se defende a proposta freireana de educação libertadora (1986) e que vença com essa linha abissal (SANTOS, 2007) imposta sobre nossa realidade, é preciso se refletir sobre o tipo de formação que vem sendo ofertada aos novos professores e professoras, bem como a renovação/continuação da formação aos docentes em exercício. Essa seria uma possibilidade de professores e professoras aprofundarem seus conhecimentos sobre gênero sob a perspectiva dos direitos humanos, mobilizando-se a fazer o mesmo com seus estudantes. É exatamente pela importância que creditamos a essas ações que este trabalho se dispôs a realizar uma formação com os/as professores/as sobre a temática. Essa formação **com** professores/as tem caráter preventivo se justifica pela tentativa de romper com uma visão unilateral da realidade ou ainda que corrobore com o tratamento vertical dado a um saber. Articulando o triângulo universidade-

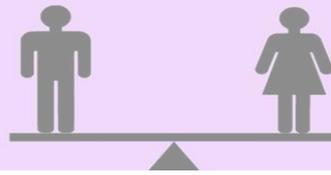


escola-sociedade (NOVOA, 2001), essa ação formativa pretende ouvir os docentes e suas experiências para, através de ação dialógica, conseguir promover uma transformação da realidade. A escola precisa assumir seu papel, sobretudo enquanto escola pública e representante do Estado, na mediação e impedimento da propagação de violência, desconstruindo o sexismo e não contribuindo para que diferenças se tornem desigualdades e exclusões.

O Mestrado Profissional objetiva “formar alguém que saiba localizar, reconhecer, identificar e, sobretudo, utilizar a pesquisa de modo a agregar valor à sua atividade” (RIBEIRO, 2005, p. 15). Por conta disso e, considerando a obrigatoriedade de incluir um “produto educacional”, minha proposta foi a realização de uma ação formativa com os professores e professoras no formato de oficinas pedagógicas. Realizei 3 encontros de duas horas cada com professores e professoras da escola estudada com objetivo de estudarmos juntos sobre as questões de gênero e diversidade sexual. A seguir, apresento-lhes os objetivos desta ação.

Entendendo que também a linguagem é uma forma de expressar poder, registro aqui minha discordância quando ao uso do termo “produto educacional” para a prática pedagógica que aqui vos sugiro. Parece-me demasiadamente alinhado a um tipo de mercado reconhecer que a elaboração de propostas didático pedagógicas configure um produto. Portanto, nossa proposta pedagógica se propõe a ser uma ação formativa com professores e professoras em formato de oficinas pedagógicas. O objetivo de tal atividade é sensibilizar professores e professoras acerca da importância da discussão dessa temática, bem como auxiliá-los com as ferramentas conceituais e metodológicas básicas possíveis para tal trabalho.

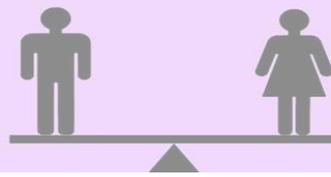
O processo formativo buscou respaldo teórico na metodologia da pesquisa-ação e em teóricos de gênero e educação. Participaram desse trabalho 10 profissionais da educação que trabalham na escola estudada. Tais participantes não apenas cederam suas entrevistas que foram objeto de análise, como também participaram da construção desse produto dando-lhe o toque individual e coletivo de todas que dele participaram. Numa pesquisa-ação, como afirma Barbier (2004) é fundamental que os participantes da pesquisa entendam-se e constituam-se pesquisadores coletivos, através de um mútuo envolvimento e compartilhamento de saberes e experiências, que permitam a construção de novas alternativas/possibilidades no enfrentamento dos desafios existentes no campo de pesquisa. Neste sentido, entendendo que as questões de gênero (somadas a outros marcadores sociais de diferença) atravessam e são atravessadas pela escola, nossa proposta era organizar um movimento que compusesse oportunidades para os profissionais envolvidos realizarem aprofundamentos teórico-práticos e



conhecimentos críticos sobre as questões de gênero e educação numa perspectiva de Direitos Humanos.

A seguir, temos os planejamentos e organizações de cada uma delas. A escolha das temáticas dessas oficinas, bem como a divisão dos temas para cada encontro se deu pela análise das entrevistas semiestruturadas previamente aplicadas. Através delas, foi possível diagnosticar as primeiras dificuldades e maiores dúvidas que as professoras participantes demonstravam. Além disso, a “tempestade de ideias e sugestões” aplicadas no início da primeira oficina também foi usada como fio condutor das demais na intenção de organizar a metodologia e assuntos numa lógica que fizesse mais sentido para este público e que pudesse deixá-lo mais motivado e entusiasmado em aprender mais. Esperamos que essa estratégia possa inspirar você e seu grupo na condução de uma formação sobre a temática. As artes produzidas por mim, neste trabalho, foram feitas através do site canva.com e seu banco de imagens.

Importante considerar que a linguagem não é neutra e é necessário compreender que qualquer tomada de decisão que se venha a assumir como professoras e professora pesquisadora implica numa condução de sentidos e produção de certos efeitos sobre os sujeitos com os quais nós nos relacionamos. Além disso, nenhum termo é suficiente para descrever a complexidade dos modos de ser e de viver de cada sujeito individual, ou ainda, de todos nós. Há sempre quem escapará desse filtro mesmo quando se aplica a chamada “linguagem neutra”. Neste sentido, este trabalho optou por trabalhar com a lógica da alternância, fazendo referência hora no masculino, hora no feminino ou ainda escolhendo palavras que pudessem contemplar a todas as pessoas sem fazer distinção e gênero. Compreendendo que essa alternância pode permitir mostrar a pluralidade, mas em alguns momentos não será suficiente, em alguns trechos deste trabalho em que há maioria de mulheres, optou-se por generalizar no gênero feminino. Dito isso, apresento-lhes os nossos objetivos.

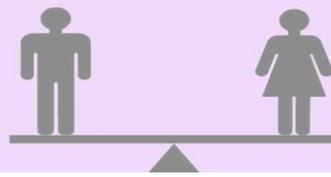


## Objetivo geral:

- Sensibilizar e contribuir com profissionais da educação no enfrentamento das desigualdades educacionais no que diz respeito às questões de gênero e diversidade sexual.

## Objetivos específicos

- Promover a compreensão sobre os conceitos de gênero, sexualidade, machismo, feminismo e violência de gênero refletindo sobre as desigualdades de gênero;
- Conscientizar professores/as sobre seu papel enquanto representante do Estado na transformação da sociedade;
- Contribuir com a reflexão sobre a maneira como a masculinidade normativa e as desigualdades de gênero afetam o desenvolvimento e as possibilidades de vida de cada um, sobretudo no cotidiano escolar;
- Discutir sobre as possibilidades de abordagem das questões de gênero e sexualidade nas aulas sob uma perspectiva de Direitos Humanos.



Temas:

- Gênero como conceito científico e categoria de análise
- Gênero x Sexo
- Padrões normativos de gênero

Objetivo geral: Contribuir com profissionais da educação no enfrentamento das desigualdades educacionais no que diz respeito às questões de gênero e diversidade sexual.

Objetivos específicos:

- Compreender o percurso histórico de construção do conceito de gênero;
- Identificar e desconstruir possíveis estereótipos de gênero.

Metodologia: Aula expositiva dialogada

Recursos didáticos necessários: Computador, Data show, caixa de som, folhas, caixa de papelão.

Sugere-se que a oficina inicie com uma acolhida das pessoas que participarão, além da entrega do material que será utilizado no encontro. Por ser uma temática que muitas vezes incomoda muitas pessoas, pode parecer um desafio trabalhar tal assunto com professores e professoras, ou ainda replicar este trabalho em sala de aula com estudantes depois. É importante que os professores e professoras se sintam confortáveis para expor suas ideias sem serem julgados por isso, assim como é importante que estejam abertos às novas possibilidades

**"Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.**

**Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira."  
(Rubem Alves)**

**Desejo que nossa formação seja esse fogo que nos transforma em pipoca e que possamos juntas/os transformar outras realidades.**

**Com carinho,  
Camila Dalvi Venturim**

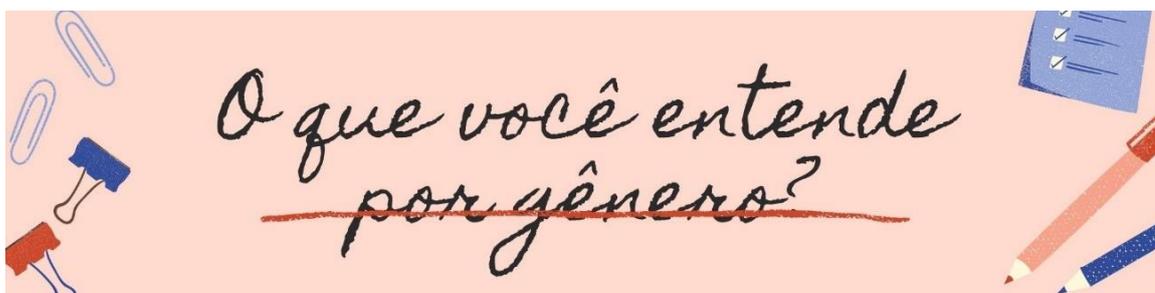


que podem vir nesse trabalho coletivo construído colaborativamente com as/os colegas. Por esta razão, sugere-se a entrega de uma mensagem inicial junto à acolhida. A proposta é que juntas/os possamos ser o “fogo que transforma milho em pipoca”, fazendo com que os diferentes tipos de seres que habitam a escola se sintam acolhidos e ouvidos nas nossas práticas pedagógicas. Depois dessa mensagem inicial, apresenta-se a proposta da oficina e seus objetivos. Após a apresentação dos objetivos da oficina, a primeira pergunta lançada é:

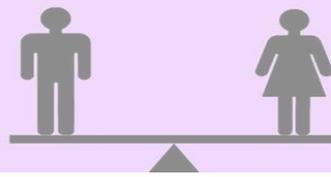


A ideia é que as oficinas contemplem suas principais dúvidas e questionamentos e que seja construída junto com as pessoas participantes, por isso essa “tempestade de ideias é tão importante”. Espera-se que as/os professoras/es verbalizem suas inseguranças, receios, medos, dúvidas, bem como expectativas e projeções sobre tal formação. É importante estimular todas as pessoas a falarem sobre seus pontos de vista individuais. O registro dessas ideias é fundamental para nortear os próximos encontros. Ainda que se tenha um planejamento prévio de questões a serem trabalhadas ao longo da formação, incluir as demandas das/os participantes permitirá maior envolvimento e identificação com as oficinas, sobretudo se o público-alvo envolvido não for numeroso, já que isso facilita maior conhecimento das/os participantes.

Depois de levantadas as demandas para além das já identificadas nas entrevistas semiestruturadas previamente aplicadas, orienta-se que as professoras escrevam o que entendem por gênero.



Essa definição serve para registrar as primeiras concepções desse conceito e servirá para mapear alguns conhecimentos prévios dessas pessoas. Sugere-se que esse registro seja feito de modo anônimo para que se sintam mais confiantes a expressar o que de fato pensam



sobre o assunto. Os registros serão utilizados pela pessoa que está à frente da formação para orientar possíveis adaptações nos trabalhos previstos para outros momentos.

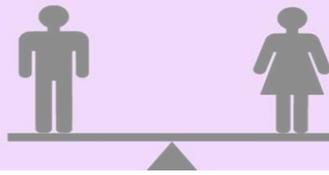
Após definição do conceito, é importante justificar a importância de se falar de gênero na escola tanto do ponto de vista legal, quanto do ponto de vista estatístico, sobretudo pelo fato de muitas/os docentes sentirem-se ameaçados quando falam sobre o assunto. Saber dos dados sobre violência pode ajudar a sensibilizar sobre essa demanda. Os slides em anexo também contam com algumas dessas informações que podem ser passadas ao público-alvo.



Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>> Acesso em 04/05/2022

Para além disso, saber sobre o respaldo legal ajudará a legitimar a prática, bem como servirá de amparo para o caso de seu trabalho ser questionado em algum momento. Há diversas legislações, normativas que amparam o trabalho com as questões de gênero na escola. Importante reforçar que em nenhum lugar essa discussão está proibida. Ao contrário, ela é uma exigência. Abaixo você encontra uma caixinha que sintetiza e referencia alguns desses documentos. Basta que você passe o cursor sobre o documento e perceberá que ele está conectado ao seu arquivo virtual. A começar pela própria Constituição Federal, temos a definição da promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, como um objetivo fundamental da República Federativa do Brasil e a igualdade como um preceito constitucional fundamental assegurado. Somando esforços na garantia dessa igualdade, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação- entende como princípios educacionais o respeito à liberdade, a defesa da tolerância, a valorização do profissional da educação escolar e a gestão democrática do ensino público.

Nos sites abaixo você consegue encontrar alguns dados sobre violência de gênero.. Fonte: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>> Acesso em 04/05/2022  
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/28/pessoas-trans-vivem-sob-tolerancia-fragil-diz-pesquisadora-que-contabilizou-140-mortes-em-2021.ghtml>> Acesso em 04/05/2022  
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>> Acesso em 10/05/2022

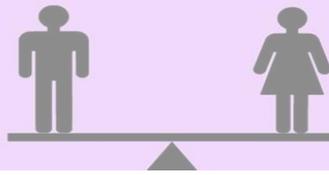


Além disso, o PNE – Plano Nacional de Educação - aprovado em 2014 organizou metas educacionais que o Brasil deve atingir nos próximos dez anos (2014-2024) e estabeleceu como uma das diretrizes a “superação das desigualdades, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação e (...) a promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental” (BRASIL, Plano Nacional De Educação, Art 2º, 2014). Vale ainda considerar que uma das estratégias definidas pelo PNE se pauta na necessidade de fortalecer o acompanhamento e monitoramento tanto do acesso quanto da permanência e do aproveitamento escolar por questões de discriminação, preconceitos e violências na escola, desenvolvendo ações que coíbam a evasão escolar motivada por estas formas de exclusão. As DCNs- Diretrizes Curriculares Nacionais- também asseguram o direito à diferença e combate à discriminação nas suas variadas formas no cotidiano escolar, algo que também é assegurado pelas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2012). A própria lei 11.340 – 2006 popularmente conhecida como Lei Maria da Penha exige a prática de ações formativas voltadas à questão de gênero e de enfrentamento à violência contra a mulher. E, por falar em Lei Maria da Penha, considero importante detalhar um pouco mais sobre ela e a tipificação dos diferentes tipos de violência, trazendo sempre exemplos práticos do cotidiano e reforçando que muitas pessoas que estão na escola podem ser vítimas dessas violências e, apenas com formação sobre, poderemos nos sentir mais preparados para orientar essas pessoas a procurarem os órgãos competentes e denunciarem, procurarem justiça. Abaixo você encontra os diferentes tipos de violência definidos pela Lei Maria da Penha.

## A lei 11.340/2006 define cinco tipos de violências

<b>violência psicológica</b> xingar, humilhar, ameaçar, intimidar e amedrontar; criticar continuamente, desvalorizar os atos e desconsiderar a opinião ou decisão da mulher; debochar publicamente, diminuir a autoestima; tentar fazer a mulher ficar confusa ou achar que está louca; controlar tudo o que ela faz, quando sai, com quem e aonde vai; usar os filhos para fazer chantagem	<b>violência física</b> bater e espancar; empurrar, atirar objetos, sacudir, morder ou puxar os cabelos; mutilar e torturar; usar arma branca, como faca ou ferramentas de trabalho, ou de fogo;	<b>violência sexual</b> forçar relações sexuais quando a mulher não quer ou quando estiver dormindo ou sem condições de consentir; fazer a mulher olhar imagens pornográficas quando ela não quer; obrigar a mulher a fazer sexo com outra(s) pessoa(s); impedir a mulher de prevenir a gravidez, forçá-la a engravidar ou ainda forçar o aborto quando ela não quiser;	<b>violência moral</b> humilhar a mulher publicamente; expor a vida íntima do casal para outras pessoas, inclusive nas redes sociais; acusar publicamente a mulher de cometer crimes; inventar histórias e/ou falar mal da mulher para os outros com o intuito de diminuir -la perante amigos e parentes	<b>violência patrimonial</b> controlar, reter ou tirar dinheiro dela; causar danos de propósito a objetos de que ela gosta; destruir, reter objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais e outros bens e direitos;
--	---	--	---	---

DOSSIÊ VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, Instituto Patricia Galvão, <https://dossies.agenciapatriciagalva.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#o-que-e-a-violencia-domestica>> Acesso em 23 de Dezembro de 2021  
<https://dossies.agenciapatriciagalva.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#o-que-e-a-violencia-domestica>> Acesso em 23/12/2021



O machismo e as relações patriarcais muitas vezes estão tão naturalizados que algumas práticas cotidianas não são vistas como violências, por isso, lembre-se sempre:

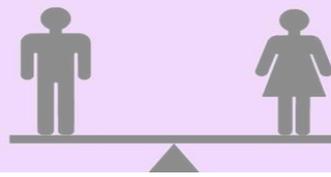


Abaixo você encontra uma relação de documentos normativos que não só amparam a discussão de gênero, como exigem isso. Clique nos links e acesse ao documento por completo.

**ESTÁ NA LEI. É LEGAL!**

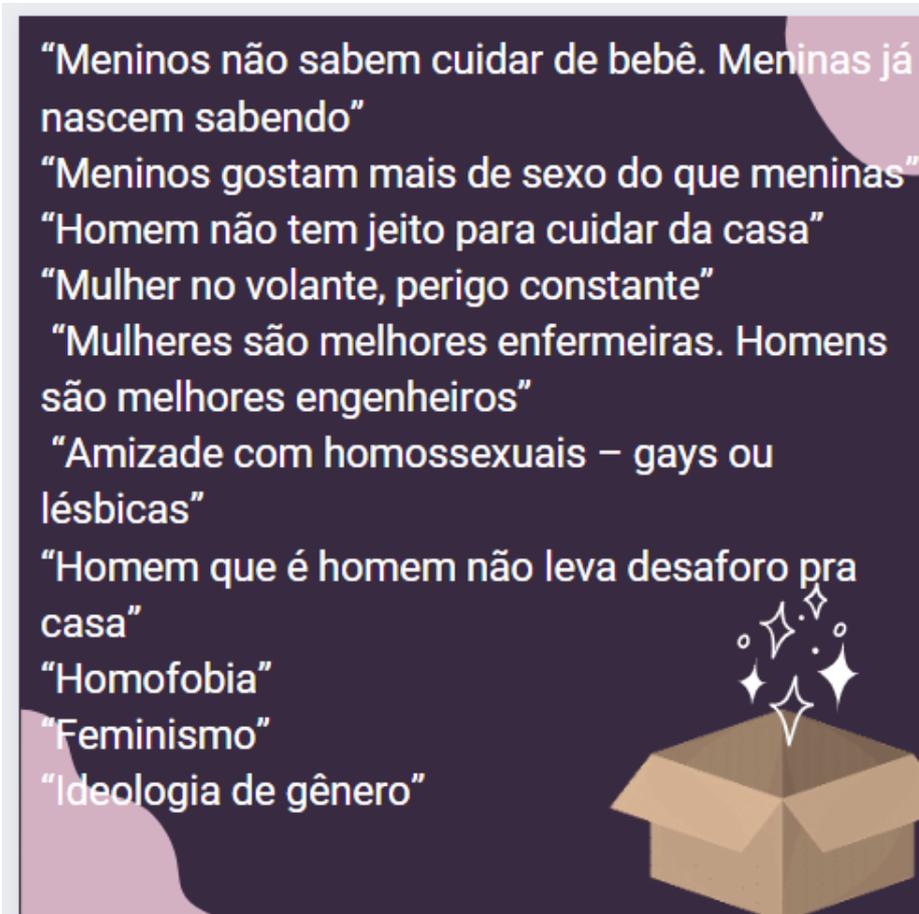
- [CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988](#)
- [LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 \(LDB– Educação\)](#)
- [LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. \(ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente\)](#)
- [LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 \(Lei Maria da Penha\)](#)
- [Plano Nacional de Educação](#)
- [Base Nacional Comum Curricular](#)
- [Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.](#)
- [Resolução CNE/CP nº 1, de 19 de janeiro de 2018](#) - Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares.
- [Lei 14164 \(2021\) institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher.](#)
- 

Fonte: Elaboração da autora (2022).



Fundamentando a relevância da discussão, deu-se início à primeira atividade, inspirada e adaptada a partir de uma sugestão de atividade do curso “Gênero e diversidade na escola” (2010) que seria feita com estudantes, mas que poderia ser um bom ponto inicial para identificar estereótipos, papéis e projeções de gênero presentes na socialização desses sujeitos da pesquisa.

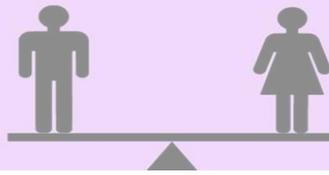
Organiza-se uma caixa contendo frases dentro e cada participante aleatoriamente sorteia uma e comenta o que sabe e/ou pensa sobre isso. Foram colocados 10 papéis na caixa porque eram 10 participantes da pesquisa. É possível colocar outras frases, na medida em que o grupo seja maior, assim como é possível que pessoas com a mesma frase se articulem para apresentar seus pensamentos sobre tal afirmação/tema. As frases/ temas distribuídas/os foram:



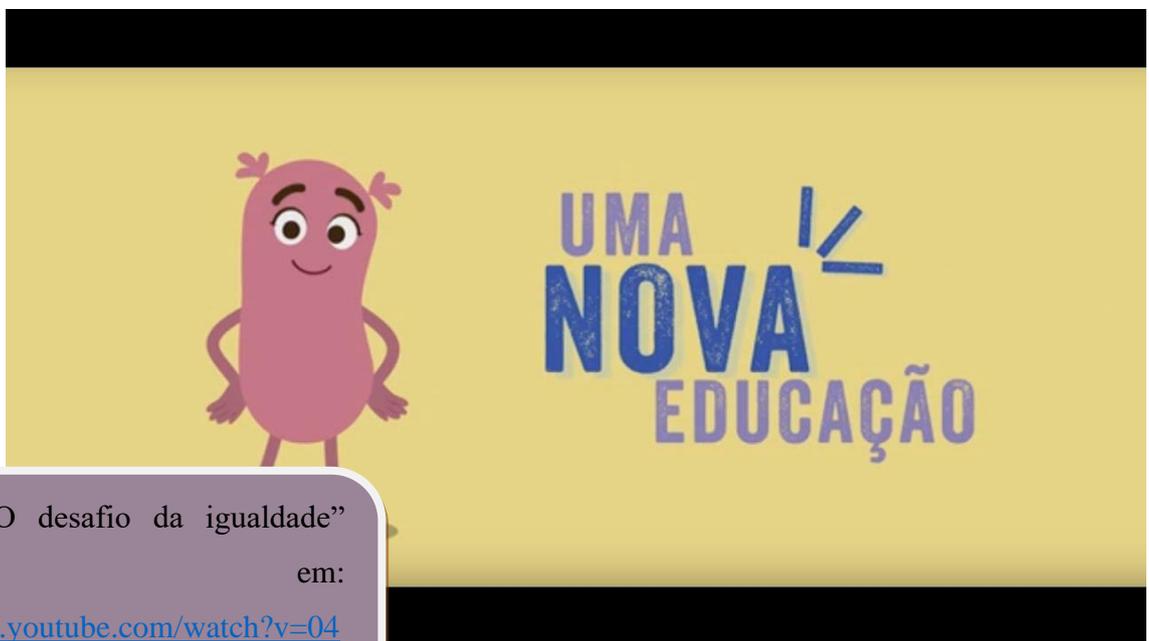
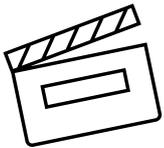
Fonte: Elaboração da autora.

É importante que se ofereça um espaço democrático e que as pessoas possam de fato externalizar seus pensamentos sobre a temática, além de serem estimuladas a dar suas contribuições. A troca entre os pares também é fundamental para que esse processo seja exitoso.

Após esse debate, sugere-se a introdução da explicação científica do conceito de gênero nas ciências sociais mostrando como esse conceito aparece ao longo da história,

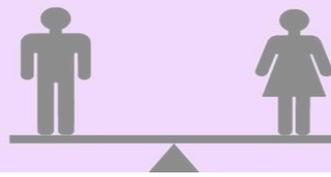


sobretudo sobre como essas questões foram tratadas pela medicina e pela religião. É importante falar também sobre os papéis de gênero e a concepção desse conceito enquanto uma relação de poder. É interessante que esse processo seja capaz de desnaturalizar comportamentos entendidos como femininos e outros como masculinos e como essas projeções premiam ou condenam determinadas posturas conforme o gênero que a realiza. O vídeo “[O desafio da igualdade](#)”, pode ser uma estratégia interessante para pensar sobre os papéis de gênero. Ele conta a história de um menino e uma menina gêmeos que apesar de nascerem e crescerem juntos, receberão diferentes funções, atribuídas conforme seu gênero ao longo da sua socialização.



O vídeo “O desafio da igualdade” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4> Acesso em 14/05/2022,

Para que se reflita ainda mais sobre os papéis de gênero ao longo da história, sugere-se como atividade a leitura e reescrita em dupla do “Guia da boa esposa”, publicado em 1955 pela revista *Housekeeping Monthly*, como um artigo que ditava o que a mulher deveria fazer para ser boa com seu marido e filhos. Três dessas duplas irão reescrever de um modo a desconstruir estereótipos de gênero, combatendo machismos e sexismos presentes, 4 dos tópicos desse guia, enquanto as outras duas duplas irão reescrever 3 desses tópicos, totalizando os 10 participantes. O guia foi publicado em outro contexto e espera-se que as participantes sejam capazes de identificar machismos e violências naturalizadas na redação desse material, de modo a substituir esse conteúdo por algo mais justo tanto para homens



quanto para mulheres. É interessante que havendo homens e mulheres nos grupos, as duplas sejam distribuídas de modo homogêneo para que construam juntos esse material e a expectativa é que essa atividade utilize não mais que 15 min da oficina. A proposta dessa atividade pode ser encontrada no apêndice desse material.

Após a produção desse material, o recorte da temática gênero recai sobre a escola. Uma possível pergunta disparadora é:

## Como a escola também atua nos papéis de gênero?

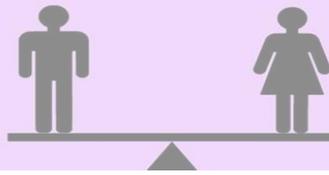
É importante deixar os professores e professoras falarem suas experiências e concepções. Simultaneamente eles podem ser provocados pela reflexão:



**A escola opera numa lógica de reprodução ou numa lógica de transformação da realidade?**

Espera-se que as participantes sejam capazes de compreender como a escola atuou nisso ao longo da história com aulas de geometria para meninos e bordado e costura para as meninas, (LOURO, 1997) por exemplo, mas também, apresentar exemplos do seu cotidiano que reforçam esses papéis. É o caso da distribuição dos espaços na escola, das listas de chamadas na educação infantil que muitas vezes separa estudantes como “Meninos” e “Meninas” da sala numa tabela que é estrategicamente decorada, ou das festinhas da escola em que meninas trazem comidas e meninos refrigerantes ainda que ambos tenham 7 anos e não cozinham. Espera-se também que apareçam exemplos sobre os tipos de masculinidade e de feminilidade que são esperados, compreendendo o que está oculto nas ideias sobre o que significa “ser homem” ou “ser mulher” e entendendo ainda que, e como, as relações de étnico-raciais e de classe reforçam essas desigualdades. Uma forma de observarmos isso no nosso cotidiano é quando, frequentemente, mulheres brancas são consideradas frágeis e delicadas, enquanto mulheres negras são consideradas mais resistentes à dor e ao trabalho pesado. Também por isso, mulheres negras recebem menos anestesia na hora do parto<sup>1</sup>. Nas desigualdades escolares, os meninos negros ocupam a base da pirâmide de desigualdades

<sup>1</sup> LEAL, MC et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. Cad. Saúde Pública 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQhb7H/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em 21/05/2022.



educacionais conforme os estudos de Mauricio Enrica e Erica Castilho<sup>2</sup>. As meninas negras, por outro lado veem seus corpos serem sexualizados ainda mais cedo e convivem com uma relativa ausência de afeto além de serem entendidas como “raivosas” e serem frequentemente punidas por isso. O vídeo “[Creators for Change: Por que preciso voltar à escola](#)” de Ana Paula Xongani nos convida a refletir sobre isso.

Sugere-se também reflexões sobre a escola ser um ambiente predominantemente feminino e como a feminização do magistério tem relação direta com a precarização deste trabalho (VIANNA, 2001). Considerando que apesar de ser reprodutora das relações sociais, a escola é também um importante espaço de transformação social, é fundamental que professores e professoras se coloquem a pensar sobre o que pode ser feito na sua realidade.

## VOCÊ SABIA?

De 1930 até 2020 passaram 67 homens pelo Ministério da Educação no Brasil e apenas uma única mulher?

Esther de Figueiredo Ferraz que foi ministra de 24/08/82 a 15/03/85 no governo de João Figueiredo durante a ditadura militar no Brasil.

Ela era uma mulher branca e filha de fazendeiro e foi também a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Também foi professora de Direito Judiciário Penal da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie.



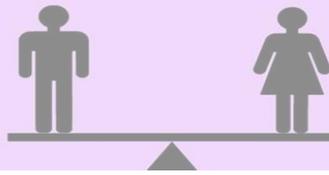
FONTE:

Ministra Esther de Figueiredo Ferraz  
Ministério da Educação

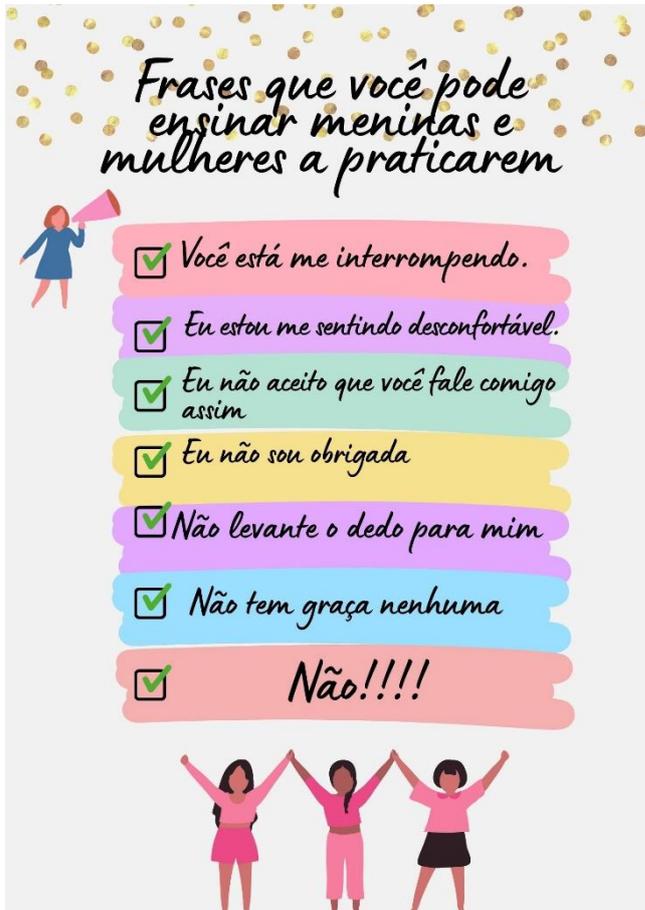
[Ministra Esther de Figueiredo Ferraz](#)

*A desigualdades educacionais entre homens e mulheres: são produto de uma multiplicidade de fatores sociais, econômicos e culturais que se manifestam tanto dentro quanto fora da escola.*

<sup>2</sup> ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica Castilho. Desigualdades educacionais em metrópoles: território, nível socioeconômico, raça e gênero. *Educ. Soc.* [online], volume 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GVtXJSMqhnxtcpMkz69Vqk/?lang=pt>> Acesso em 21/05/2022.



## SUGESTÃO



Muitas vezes, meninas e mulheres são expostas a situações de desconforto e/ou violência e não conseguem se expressar e mostrar seu descontentamento. Externalizar repetidas vezes as emoções, pode auxiliar que meninas se sintam mais confiantes para se posicionar em situações que lhes dizem respeito. As frases ao lado podem ser entendidas como uma espécie de mantras que, ditas repetidas vezes, podem permitir maior coragem para externalizar verbalmente o que não a agrada.

Fonte: Elaboração da autora

## Avaliação:

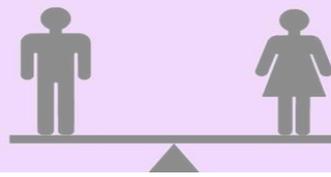
A avaliação se dará ao longo do processo e ao final de toda a formação, as/os participantes responderão um questionário no Google Formulário. Além disso, na intenção de que o curso seja sensibilizador e permita aos professores um envolvimento e mobilização com ele, sugere-se uma “atividade para casa”. Essa atividade permitirá que as/os participantes reflitam e comecem um processo de estranhamento de práticas e cenas com as quais muitas vezes já estão familiarizados.

### Atividade para casa – Encontro 1



Compreendemos hoje um pouco mais sobre a construção do conceito de gênero e como ele é usado para expressar relações de poder, sobretudo em intersecção com outros marcadores sociais de diferença.

Vocês deverão, ao longo da semana observar na televisão ou meio de comunicação que você acesse, anúncios publicitários, novelas e seriados que tenham famílias como personagens. Observem que tipo de famílias são essas (brancas, negras, indígenas ou



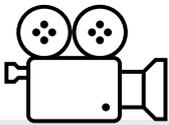
interraciais, hetero ou homoafetivas)? Quais papéis os membros dessa família desempenham? Há diferenças de gênero? Não se esqueça de anotar para compartilharmos na próxima semana.

### PARA SABER MAIS



O livro infantil Chutando Pedrinhas trata sobre padrões de gênero que podem ser discutidos através do afeto e diálogo entre um pai com sua filha. A história foi produzida coletivamente por 17 meninas moradoras do Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2015/01/Livro-Infantil-ChutandoPedrinhas.pdf>>

Acesso em 01-06-2022.



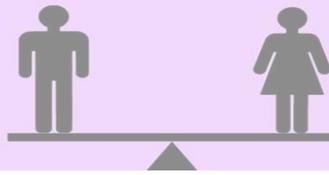
Filme Histórias Cruzadas – Direção Tate Taylor, 2011 O filme narra a história de uma mulher branca que se propõe a escrever a história de mulheres negras que ocupavam o papel de empregadas domésticas cuidando dos filhos e da casa da elite branca, inclusive de colegas da escritora. Após conquistar a confiança, o livro escrito por essa mulher ganha repercussão ao problematizar as relações desiguais da época.

- Vida Maria. Direção: Márcio Ramos. Brasil, 2007. <https://www.youtube.com/watch?v=yFpoGhtum4>> Acesso em 01-06-2022.

- Documentário "[The Mask You Live In](#)" mostra como esse protótipo de masculinidade hegemônica (macho dominante) afeta psicologicamente crianças e jovens nos Estados Unidos.
- [Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gêneros](#) - ONU Brasil
- [Experimento que levou crianças e adolescentes a pensarem sobre igualdade de gênero](#)
- [O silêncio dos homens](#)
- Toilet (Netflix) - Critica costumes e condições de saneamento na Índia a partir da ausência de banheiros nas casas. A chegada de uma nova mulher (esposa) na vila causa uma agitação.



O curta-metragem de animação conta a história de uma menina de 5 anos de idade que tem a diversão de escrever o próprio nome interrompida pela mãe que pede para ela ajudar nos afazeres domésticos e trabalhar na roça. Seu destino é repetir a história de outras marias que a antecederam e é uma interessante estratégia para problematizar os papéis de gênero.



Temas:

- Identidade de Gênero e Diversidade sexual

Objetivo Geral:

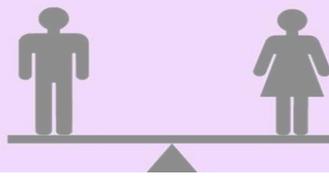
Identificar as diferentes possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero entendendo como elas são atravessadas pela violência em suas variadas formas.

Objetivos específicos:

- Desnaturalizar diferentes formas de violências encontradas ao longo da socialização dos sujeitos;
- Compreender a importância de políticas sólidas e da aplicabilidade da legislação para a promoção da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual;
- Discutir sobre as possibilidades de abordagem das questões de gênero e sexualidade nas aulas sob uma perspectiva de Direitos Humanos.

Metodologia: Aula expositiva dialogada

Recursos didáticos necessários: Computador, Data show, caixa de som, folhas.



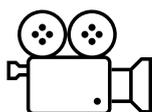
Ao final do último encontro, uma atividade foi proposta. Deste modo, este momento é destinado ao compartilhamento e problematização das questões trazidas pelas/os participantes e que são frutos de seus estranhamentos às exposições midiáticas. Após esse momento, Para uma melhor reflexão crítica sobre os estereótipos e violências de gênero, faz-se fundamental a compreensão de alguns conceitos como masculinidade hegemônica, violência de gênero, misoginia, misandria, *mansplaining* e *maninterrupting*, interseccionalidade. No slides em anexo, você encontra um breve resumo sobre estes conceitos que podem servir de inspiração para o debate.

A apresentação destes conceitos permitirá aos professores e professoras que os mobilizem no seu cotidiano e tenham mais ferramentas conceituais para analisar seu papel nas relações escolares de gênero e nos possíveis movimentos pedagógicos de gênero. Além disso, com acesso à informação é possível que crianças e adolescentes que estão tendo seus direitos negados, consigam buscar justiça. Professores e professoras como agentes do Estado possuem papel importantíssimo nisso também.

É importante lembrar que os padrões normativos de gênero também são atravessados por outros marcadores como questões étnico-raciais, classe, idade e regionalidade. A isso damos o nome de Interseccionalidade.



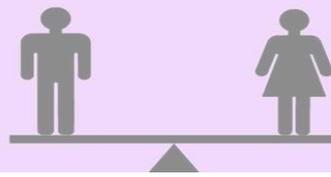
Após a apresentação e discussão dos conceitos, sugere-se a exibição de um trecho do filme: “Eu Não sou um homem fácil”. Por uma questão de tempo, sugere-se um recorte de um trecho do filme. Minuto 2:10 até o minuto 12:37.



O filme é uma comédia francesa, lançado em 2018 e atualmente disponível na Netflix. Dirigido por Eléonore Pourriat. Duração: 1h38min.

As professoras e professores são convidadas/os a assistirem esse trecho percebendo os comportamentos machistas presentes. No filme, um homem misógino que





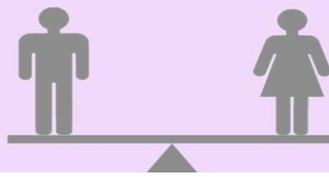
enxerga as mulheres como troféus, bate a cabeça em um poste e, depois disso, acorda em um mundo invertido, no qual as mulheres são o sexo dominante, e os homens são o “sexo frágil”, submissos às mulheres. Apesar de ser comédia, o filme explicita o quanto a desigualdade de gênero desvaloriza e objetifica as mulheres. É interessante observar as reações dos/as professores/as durante o filme, percebendo quais cenas são dignas de risos ou comentários e que tipos de comentários são produzidos.

Após exibição do trecho, abre-se a roda de conversa para que expressem o que entenderam e acharam do filme. Aqui vale considerar que o filme não representa o machismo e misoginia em sua totalidade já que não há discussão sobre estupro, violência doméstica, feminicídio, aborto, entre outras questões que afetam mulheres cotidianamente. Ademais, o filme apresenta a realidade invertida num universo branco e financeiramente estável, ou seja, realidades étnico raciais e de pobreza não foram contempladas e como já falamos, as desigualdades se interseccionam. Ainda assim, o filme é uma boa proposta para, de um modo cômico, propor reflexões sobre os papéis de gênero. Algumas sugestões de perguntas disparadoras:

### *Algumas questões disparadoras*

- O que você achou do comportamento do protagonista no início do filme? Há alguma semelhança com nosso cotidiano? Você conhece pessoas com esse tipo de comportamento?
- Que tipo de comportamentos te causaram estranhamento quando “o mundo se inverteu” e as mulheres passaram a ser as dominadoras?
- O comportamento feminino nesse “mundo invertido” apresenta alguma semelhança ao comportamento masculino no nosso mundo atual?
- Quais comportamentos que são normalmente naturalizados no dia-a-dia te causaram estranhamentos quando apresentados sob outra perspectiva?
- Você percebeu as pressões estéticas, assédios, subestimações e relacionamentos abusivos enfrentados pelos homens no filme?
- É possível falar em sororidade no filme? (Aqui é importante que o conceito de Sororidade já tenha sido apresentado ao público).

Fonte:  
Elaboração da  
autora

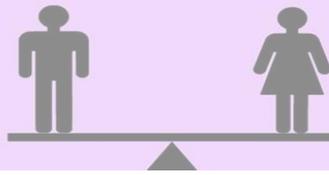


Após o debate sobre os estereótipos de gênero, sugere-se que seja feita a relação entre isso com a violência reforçando a discussão já iniciada na oficina anterior. A arte sobre o Icerberg da Violência pode ser um interessante instrumento para se refletir sobre isso mostrando que muitas vezes o que está explícito é a forma mais brutal de violência que é a que leva a morte, mas que essa “ponta do iceberg” esconde inúmeras violências que podem inclusive aparecer sutilmente e ir minando uma relação prestes a “explodir”.

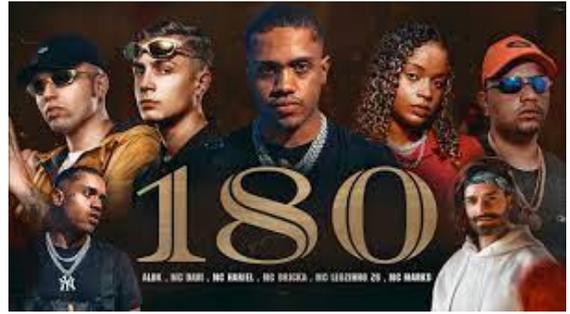


Imagem disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/falesemmedo/noticia/a-violencia-domestica-e-suas-varias-formas/15916/> Acesso em: 17/05/2022.

A discussão sobre as diferentes formas de violência e o papel da escola nessa relação nos coloca a refletir que muitas vezes é preciso mais do que o respeito. É preciso que a escola assuma o compromisso ético, moral e legal de se posicionar e enfrentar essas violências. Em inúmeras situações, nós professores/as não sabemos muito bem como reagir e qual postura tomar. Abaixo há uma relação de possíveis atitudes que a escola enquanto representante do estado pode ter. O mais importante é que a violência não seja naturalizada e invisibilizada no nosso cotidiano para que pessoas não morram em parceria com o silêncio e a omissão.



Para maior mobilização tanto de estudantes, quanto de professores e professoras, sugiro que você conheça a música “180- Alok, DJ Victor, MC Hariel, MC Marks, MC Davi, MC Leozinho ZS e MC Dricka (GR6 Explode)” que reflete sobre a violência contra a mulher<sup>3</sup>.



**checklist**  
O QUE A ESCOLA PODE FAZER?

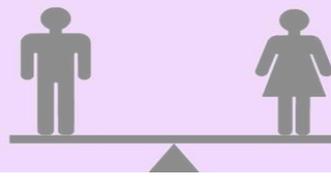
- \* Oferecer ajuda para a vítima e escutar sua versão sem julgar;
- \* Apresentar soluções institucionais e legais disponíveis;
- \* Reforçar que ela é vítima e não culpada pela violência que sofreu;
- \* Orientar que procure ajuda e denuncie em delegacias, Conselho Tutelar e procure ajuda e serviços como Centro de Referência de Assistência Social (CREAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRAS).

**Ligue 180**

Fonte: Elaboração da autora

de sujeitos são excluídos da convivência afetiva que a escola pode oferecer. Seja por cor, religião, gênero, orientação sexual, deficiência ou ainda outra razão, há pessoas que são vítimas de preconceito e exclusão. Para que se levante os principais tipos de preconceitos presentes na escola e identificados pelas/os professoras/es participantes, propõe-se o uso da ferramenta “Nuvem de Palavras”. Neste caso, foi utilizado o site <https://www.mentimeter.com> para criar e registrar

<sup>3</sup> Música disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LhV\\_q499nGA](https://www.youtube.com/watch?v=LhV_q499nGA)> Acesso em 01-06-2022.



os levantamentos das/os professoras/es. A pessoa responsável pela “sala virtual” cria a pergunta e pode limitar o número de respostas para cada participante, sendo que o registro é anônimo. No caso deste trabalho, pediu-se que fosse listado os três principais preconceitos presentes na escola na opinião de cada respondente.



Imagem disponível em: <https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/word-cloud>> Acesso em 22-05-2022.

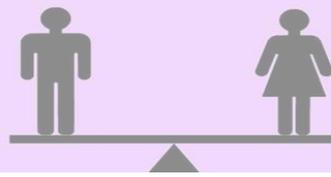
Feito esse levantamento, sugere-se o início da discussão sobre identidade de gênero e diversidade sexual. É importante que se compreenda que estas palavras são conceitos e, como tal, expressam uma noção capaz de produzir sentidos. Compreender os significados delas e saber operar com estes conceitos é fundamental para que profissionais da educação acolham, respeitem e ajudem a garantir direitos.

**IDENTIDADE DE GÊNERO,  
REFERE-SE À MANEIRA  
COMO ALGUÉM SE SENTE  
E SE APRESENTA PARA SI  
E PARA O MUNDO E, NEM  
SEMPRE É EM  
CONFORMIDADE COM  
SEU SEXO BIOLÓGICO.**

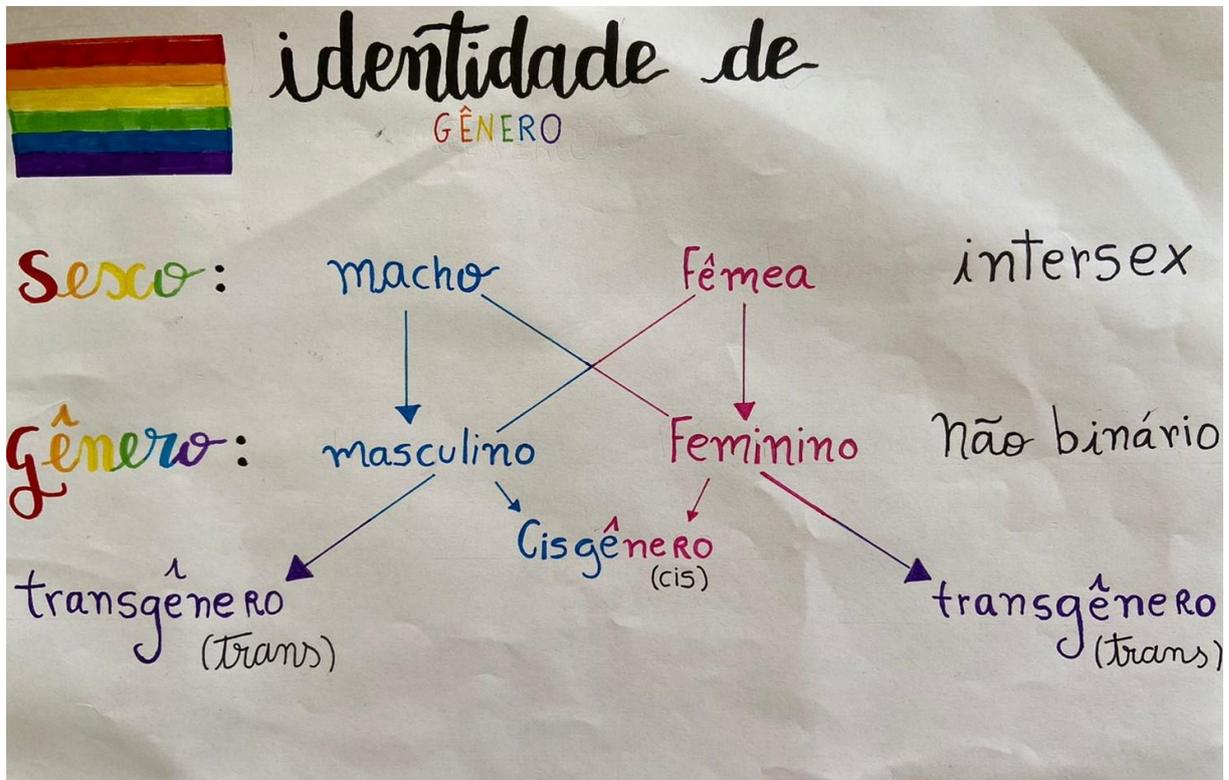
**DIVERSIDADE SEXUAL:  
DIFERENTES POSSIBILIDADES  
DE EXPRESSÃO DA  
SEXUALIDADE AO LONGO DA  
EXISTÊNCIA DOS SERES  
HUMANOS. A  
HETEROSSEXUALIDADE É  
APENAS UMA ENTRE OUTRAS  
FORMAS DE SEXUALIDADE.**

Fonte: Elaboração da autora

No intuito de compreendermos as diferentes possibilidades de identidades de gênero, organizei um esquema no quadro que mostrava as principais diferenças entre sexo, gênero,



cisgênero e transgêneros. O esquema produzido no quadro foi reproduzido e encontra-se abaixo.



Fonte: Elaboração da própria autora (2022)

A compreensão da identidade de gênero em conformidade (ou não) com o sexo biológico, permite que professores e professoras entendam quem nem sempre a biologia dá conta de explicar as questões humanas. Além disso, a apresentação de tal esquema permite que professores e professoras se familiarizem melhor com alguns termos como “cisgênero” e “transgênero”. Esse esquema já traz também a letra I da sigla LGBTQIA+ e considero importante que se compreenda o significado semântico e político da sigla LGBTQIA+.

A sigla é usada atualmente para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexo, assexual e + (grupos e variações de sexualidade e gênero). Inicialmente a sigla era definida como GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes. Estes últimos eram entendidos como pessoas que “abraçavam a causa” independente da sua orientação sexual. A sigla passou a GLBT depois e, em 2008, a ordem inicial das letras fora invertida (LGBT), a fim de dar maior visibilidade às lésbicas, colocando-as em primeiro plano na sigla. Além disso, a inclusão da letra “T” faz com que à orientação sexual (Lésbicas, gays e bissexuais) se somassem a identidade de gênero (Trans). Vale lembrar que pessoas trans são aquelas que não se identificam com sua identidade atribuída no nascimento. Às pessoas que se



identificam com sua identidade sexual de nascimento atribuímos o nome de cisgênero. Atualmente a sigla contempla outras identidades e traz o sinal + para todas as pessoas que não foram contempladas nas outras letras. É o caso, por exemplos das pessoas Pansexuais. “Pansexual” é o termo usado para classificar pessoas que tem atração por outras pessoas independente da sua identidade e/ou expressão de gênero. A cisheteronormatividade não é representada na sigla porque esta representa uma bandeira política em defesa da vida. Pessoas cis e hetero não correm perigo em função de suas identidades. Logo abaixo temos um infográfico produzido pela Unicef Brasil que traz a definição de cada uma das letrinhas.

O “Biscoito da diversidade” pode ser uma importante ferramenta a auxiliar na compreensão dos conceitos de diversidade sexual e de gênero.

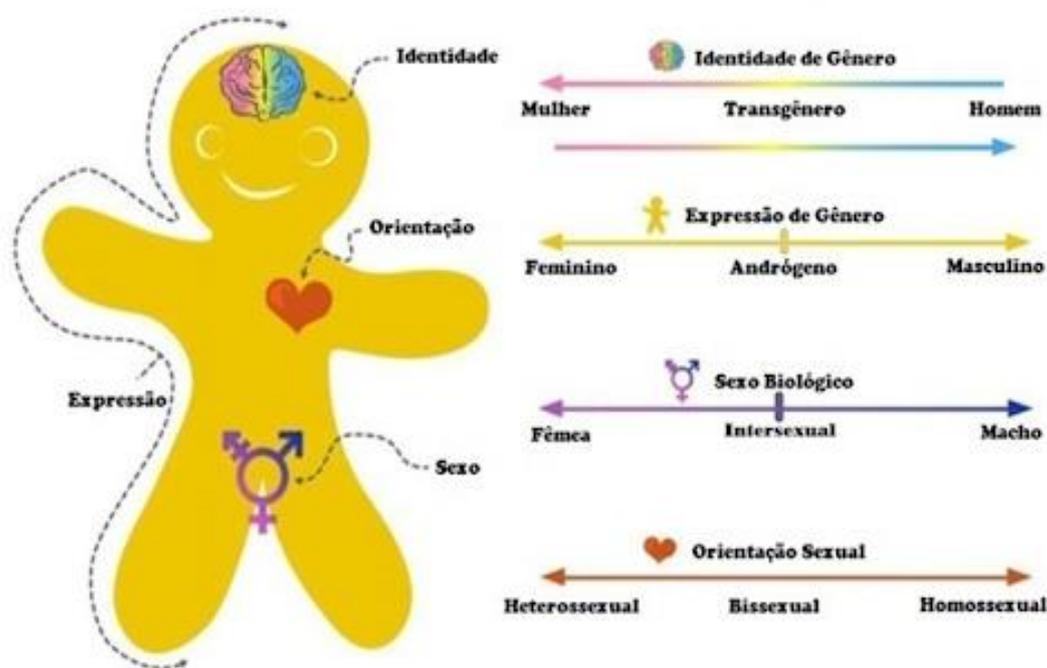
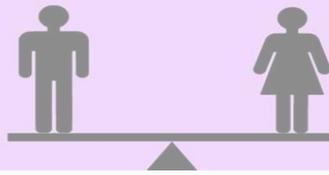


Imagem disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php?pag=apresentacao>>  
Acesso em 23/05/2022.



# O QUE SIGNIFICA LGBTQIA+

**L**

## LÉSBICAS

Mulheres que sentem atração afetivosexual por mulheres

**G**

## GAYS

Homens que sentem atração afetivosexual por homens

**B**

## BISSEXUAIS

Homens e mulheres que sentem atração afetivosexual tanto por homens como por mulheres

**T**

## TRANSEXUAIS OU TRANSGÊNEROS

Pessoas que se identificam com um gênero contrário ao que foi designado no seu nascimento

### TRAVESTIS

Pessoas que vivem uma construção feminina de gênero (usar sempre o pronome ela), em oposição à atribuição de sexo feita no nascimento. É uma identidade de gênero, principalmente, latino-americana.

**Q**

## QUEER OU NÃO BINÁRIO

Pessoas que transitam entre o gênero masculino e feminino, não se identificando inteiramente nem com um nem com o outro

**I**

## INTERSEXO

Pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal (hormônios, genitais, cromossomos e/ou outras características biológicas) não corresponde à norma binária, podendo ter elementos femininos e masculinos simultaneamente.

**A**

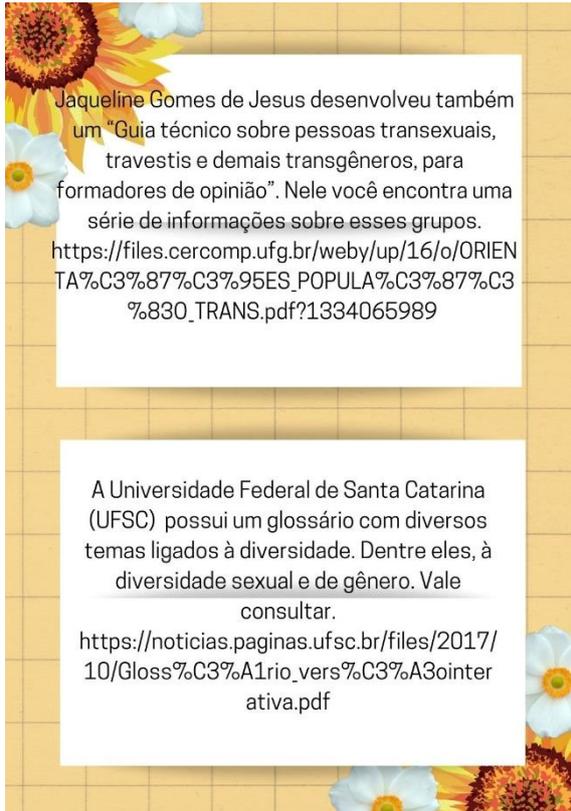
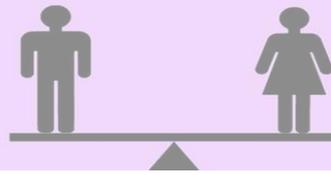
## ASSEXUAIS

Pessoas que não sentem atração afetivosexual ou outras pessoas, seja qual for o gênero

**+**

Acolhe todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existem

FONTE: UNICEF BRASIL



Fonte: Elaboração da autora

A leitura desses materiais ajudará na compreensão dos significados de cada uma das letras da sigla LGBTQIA+, mas para além de saber seu significado, é importante que profissionais da educação estejam dispostos a problematizar a forma como a escola lida com a sexualidade de seus membros. Sugere-se também, tornar compreensível a dimensão cultural por trás das relações de gênero. Como é o caso dos estudos etnográficos brasileiros. Darcy Ribeiro em “Lições de Humanismo dos Índios do Brasil”, faz um relato sobre algo que nós talvez chamássemos hoje – e a partir das nossas categorias atuais – de transexualidade:



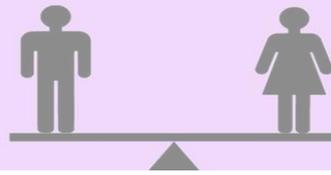
“Há documentos já do século passado sobre a existência de homossexualismo (sic) entre tribos do Brasil. Inclusive entre os cadiuéu que eu estudei. Eles chamam o homossexual de kudina. O kudina é um homem mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher – e menstrua”. (RIBEIRO, s/d,p.44)

Além da discussão sobre o significado de todas as letrinhas do “alfabeto do amor”, sugere-se também a reflexão sobre a importância do Nome Social e sobre o quanto isso já tem sido adotado pelas escolas públicas no país. Para além disso, faz-se importante apresentar as drag

Tanto o [glossário](#), quanto o “[Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião](#)” estão linkados nesse texto para facilitar seu acesso.

Passa o cursor do mouse e clique para ter acesso direto ao material.





queens, já que muitas pessoas confundem a performance artística com a diversidade sexual. Ainda que drag queens não estejam contempladas na sigla, por não se tratar de uma questão identitária, é importante apresentar às pessoas, conteúdos digitais produzidos por elas. Neste caso, a sugestão foi conhecer o canal “Tempero Drag”, que é apresentado por Rita Von



Hunty, uma drag queen vivida por Guilherme Terreri e que traz conteúdos sobre variados temas ligados à literatura, sociologia, antropologia, inclusive estereótipos de gênero.

Imagem disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>

> Acesso em 22-05-2022.

### Avaliação:

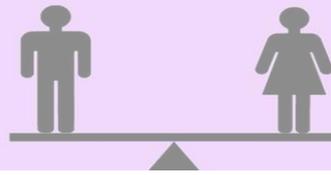
A avaliação se dará ao longo do processo e ao final de toda a formação, as/os participantes responderão um questionário no Google Formulário. Além disso, na intenção de que o curso seja sensibilizador e permita aos professores um envolvimento e mobilização com ele, sugere-se uma “atividade para casa”. Essa atividade permitirá que as/os participantes reflitam e comecem um processo de estranhamento de práticas e cenas com as quais muitas vezes já estão familiarizados.

#### Atividade para casa – Encontro 2



A proposta das oficinas é que elas não estejam presas ao ambiente do encontro. Espera-se que, de alguma maneira, a temática e as atividades propostas possam levar estes/as professores/as que estão participando a refletir sobre seu próprio trabalho no seu momento consigo mesmo. Por esta razão, a segunda oficina também contará com “Dever de casa”.

**PARA PENSAR:** Durante essa semana, pense sobre seus/suas estudantes LGBTQIA+. Você acredita que ao longo do seu trabalho você mais os acolheu ou condenou/julgou? Seus comentários, direta ou indiretamente, elevaram a autoestima dessas pessoas ou o contrário? Essa atividade não precisa ser devolvida. A proposta é apenas que você se disponha a pensar sobre.



## PARA SABER MAIS

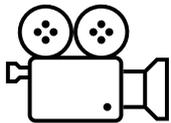


- “O Poço da solidão” é um romance lésbico da autora britânica Radclyffe Hall, publicado pela primeira vez em 1928.

- “Me chame pelo meu nome” conta sobre o processo de descoberta da homossexualidade de um adolescente de 17 anos que se apaixona por um universitário de 24 anos que estava passando um tempo em sua casa de veraneio. O livro também virou filme.

- Vermelho, branco e sangue azul é uma comédia romântica de ficção. Escrito por Casey McQuiston, foi lançado em 2019. Conta a história de dois meninos que por uma questão diplomática se veem obrigados a passar um fim de semana juntos que é quando se percebem apaixonados.

O [Mapa 2022 – Assassinatos de pessoas trans na América Latina e Caribe](#) traz diversas reportagens de denúncias sobre isso. É possível acessar por estado ou país e ir vendo os casos, entendendo que essa violência está próxima de nós. Isso sem pensar nos casos que não chegam a conhecimento público. [https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1-Yw\\_C4IMwNv1f9d4vCEx-GYwQSgk2vth&ll=-20.324384601061226%2C-39.94801708281252&z=3](https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1-Yw_C4IMwNv1f9d4vCEx-GYwQSgk2vth&ll=-20.324384601061226%2C-39.94801708281252&z=3)> Acesso em 01-06-2022.



Documentário LGBT - **Homofobia e transfobia na escola**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g\\_RAbnK61N8](https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8) > Acesso em 23-05-2022.

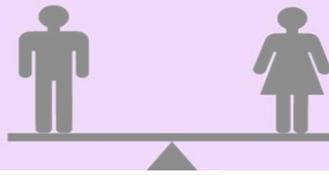
**Faces – ONU Livres & Iguais**. Apresenta diferentes pessoas LGBTQIA+ atuando em diferentes profissões e mostrando não só que essas pessoas existem como que elas têm o direito de ser o que quiserem. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WHzBpbNT5qA>> Acesso em 23-05-2022.

ONU Livres & Iguais: Manifeste-se em solidariedade com todas as mulheres

- Reflete sobre as diferentes formas de ser mulher. Lésbica, trans, bi ou qualquer outra coisa não torna essa mulher menos mulher. <https://www.youtube.com/watch?v=WI5pZsOjrZA>> Acesso em 23-05-2022.

- Aqui há um experimento social desenvolvido com crianças, em que uma delas chega à escola com dois pais e tem tal ação questionada por uma das coleguinhas. Esse movimento gera uma discussão quando outra menina do grupo entra em defesa da vítima. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1TDIImIA0GI>> Acesso em 23-05-2022.



## ME INDICA



Um filme ou série  
para assistir

Filmes com a temática LGBTQIA+

- ✓ Alice Júnior
- ✓ Praia do Futuro
- ✓ Madame Satã
- ✓ Bixa Travesty
- ✓ As boas maneiras
- ✓ Tatuagem
- ✓ Tinta Bruta
- ✓ Mr. Leather
- ✓ Divinas Divas
- ✓ Berenice Procura
- ✓ Flores Raras
- ✓ Sócrates
- ✓ Cores e flores para Tica
- ✓ Orange is the new black
- ✓ Laerte-se
- ✓ O Jogo da imitação
- ✓ Queer Eye

### Conheça também:

Mães pela diversidade –

“Mães pela Diversidade é uma organização não-governamental que reúne mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+. Foi criada em 2014 por mães preocupadas com a violência e com o preconceito contra seus filhos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e mais. Abraçamos mães e pais de pessoas LGBTQIA+ de todos os credos.”

<https://maespeladiversidade.org.br/>

Acesso em 09-05-2022

- *Sex Education* é uma série criada por Laurie Nunn, que estreou em 2019 na [Netflix](#). Ao longo dos episódios ela traz com leveza e informação assuntos ligados à identidade de gênero, homossexualidade, homofobia, assédio **sexual**, prevenção da gravidez na adolescência, virgindade, entre outros temas que costumam gerar dúvidas.

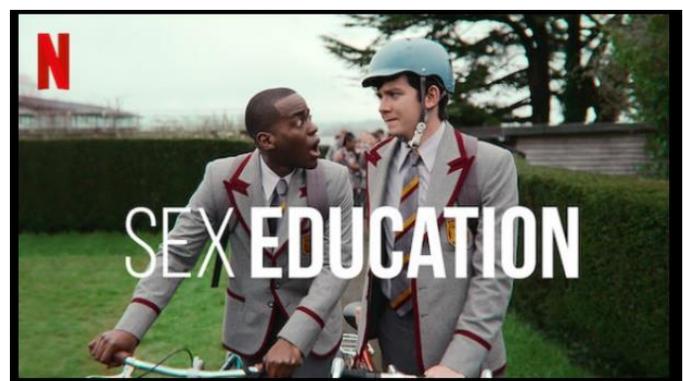
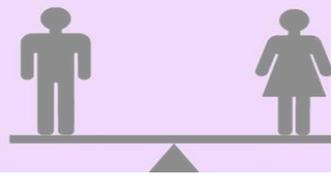


Imagem: Netflix



**Hoje Eu Quero Voltar Sozinho** é um filme brasileiro dirigido, produzido e roteirizado por Daniel Ribeiro. Conta a história de um menino que é deficiente visual e se percebe apaixonado (e correspondido) por um colega novo da classe. Trabalha com sutileza a questão da homossexualidade e simultaneamente também discute sobre a deficiência. O trailer do filme está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=lpHKXyko358>> Acesso em 23/05/2022.



Imagem disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-224664/>> Acesso em 23/05/2022.

### A garota dinamarquesa

Inspirada no livro de David Ebershoff, este filme, baseado em fatos reais, narra a história de Lili Elbe (Eddie Redmayne), que nasceu Einar Mogens Wegener e foi a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero. Junto a isso, o filme conta sobre relacionamento amoroso do pintor dinamarquês com Gerda (Alicia Vikander) e sua descoberta como mulher. Trailer disponível em:

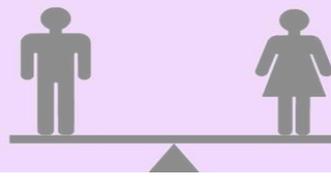


<https://www.youtube.com/watch?v=vjq2FgjpXow>> Acesso em 20/06/2022.

### Orações para Bobby

Trazendo uma reflexão sobre as questões de diversidade sexual e religião, o filme apresenta uma mãe católica devota que tenta "curar" o filho homossexual Bobby, mas ele acaba se suicidando por não conseguir lidar com a pressão da sociedade. A partir dessa perda, a mãe se torna defensora dos direitos gays. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N81yMEn3Ra8>> Acesso em 20/06/2022.





Tema:

- A escola e a garantia de direitos

Objetivo Geral:

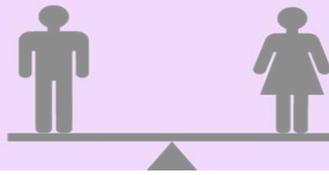
Colaborar na construção de práticas reflexivas ancoradas nas experiências e vivências de pessoas vítimas de violências para melhor compreensão do papel da educação enquanto agente de transformação e com isso, encorajar a ressignificar as práticas docentes com vistas a concretizar uma educação emancipatória e libertadora.

Objetivos específicos:

- Entender que, e como, a escola pode operar para minimizar os estereótipos de gênero;
- Permitir que professores/as entendam que a educação não é neutra e que muitas vezes transmite valores que reforçam desigualdades, entre elas, as de gênero;
- Identificar e construir possíveis atividades que relacionem o conteúdo com as questões de gênero.

Metodologia: Aula expositiva dialogada

Recursos didáticos necessários: Computador, Data show, caixa de som, folhas.



Este é o último encontro planejado e a proposta é que as professoras e professores que estão participando se disponham a pensar estratégias para abordar as questões de gênero em suas aulas, mas antes desse momento, é importante seguir com a discussão sobre a população LGBTQIA+ iniciada na oficina 2. O tema gera uma série de dúvidas entre professoras e professores, e, por isso, é importante que se amplie a discussão do tema, sobretudo com foco na homofobia na escola.

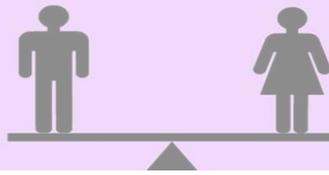
As relações cisheteronormativas são, por vezes romantizadas e muito mais aceitas que as relações homoafetivas. Isso tanto entre estudantes, quanto entre o quadro docente. Apesar disso, atualmente é possível encontrar pessoas LGBTQIA+ que mobilizadas não só, mas também pela luta empreendida pelos movimentos sociais, assumem suas vivências mesmo quando elas fogem à norma estabelecida. O trabalho de Cláudia Vianna e Tatiana Carvalho (2020) refletiu sobre o universo de professoras lésbicas em São Paulo e mostrou que no lugar da suposta invisibilidade, o que se percebeu foi a afirmação de uma visibilidade pedagógica em que, através de uma tentativa consciente se buscou afirmar sua existência lésbica legítima no ambiente escolar.

Essa realidade não é universal já que muitas vezes a escola entende a heterossexualidade aplicada a convenções morais como única possibilidade. Essa heteronormatividade não aparece apenas quando há casais na escola. Se pararmos para pensar, lembraremos de comportamentos de crianças que já foram julgados como sendo homoafetivos. Ainda que o menino tenha 5 anos, se ele apresenta determinados comportamentos que são projetados como sendo femininos, será rotulado como um “menino afeminado” ou simplesmente “gay” - fora outros nomes usados em tons pejorativos - simplesmente pelo fato de estar performando um gênero diferente do que a escola espera conforme seus valores. Esse tipo de postura não só rotula a criança, como confunde gênero e sexualidade na medida em que o jeito de andar, falar, vestir e se expressar é confundido com o desejo e/ou atração sexual e/ou afetiva.

Para que se pense sobre a heteronormatividade, sugere-se a atividade a partir do texto “NO PAÍS DE BLOWMINSK”<sup>4</sup>. Blowmink é um país onde o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto é proibido. Nesse país, a “regra” é a homossexualidade. A proposta é que as pessoas participantes da oficina levantem semelhanças e diferenças entre

---

<sup>4</sup> Vide apêndice.



essa sociedade e a nossa, reforçando a marginalização sofrida por determinados grupos e pensando como a escola pode atuar nisso.

Ao longo da história as referências LGBTQIA+ que são mais populares estão na televisão e elas aparecem muitas vezes com a veia humorística, sob forma de piada. Atualmente há um movimento muito maior para que personagens LGBTQIA+ apareçam ainda mais na TV ou em outras produções midiáticas. Ao final desse roteiro, você encontrará

sugestões de filmes, séries e livros que abordem a temática. A produção maior e mais diversificada desse tipo de conteúdo se apresenta como uma importante aliada no processo de reconhecimento da população LGBTQIA+, bem como no processo de entendimento e acolhimento desses sujeitos por suas famílias. Assim como a mídia, também a escola precisa repensar suas práticas, discursos e currículos para assegurar que o debate chegue aos sujeitos. Na prática, muitas vezes a escola reproduz discursos homofóbicos no seu cotidiano. O bingo ao lado foi uma tentativa de levar professoras/es a refletirem sobre quantas vezes esses apelidos pejorativos são usados para julgar comportamentos de estudantes. A pontuação negativa mostra a lógica reversa em que quanto mais você marca, menos pontos você tem na ideia de uma escola sem homofobia.

**Bingo da homofobia na escola**

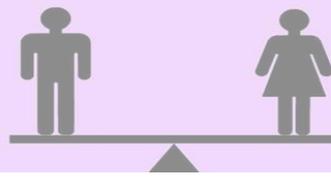
-10 VIADO	-10 TRAVECO	-10 MARIQUINHA
-10 PUTA	-10 SAPATÃO	-10 ABERRAÇÃO
-10 BICHA	-10 MULHERZINHA	-10 Homem com "H"

**EU JÁ**    **EU NUNCA**

**Quantos desses vocês já ouviu no ambiente escolar?**

Fonte: Elaboração da autora.

Os slides em anexo contam com algumas informações sobre a exclusão e marginalização da população LGBTQIA+, entretanto é difícil conseguir informações de fontes oficiais, por exemplo, porque em muitos casos o campo de orientação sexual não entra em questionários e entrevistas. Este ano (2022) foi o primeiro ano que teve uma pesquisa do



IBGE (realizada em 2019) que mencionou o campo de orientação sexual. Apesar do número de auto declaração ter sido questionado, o fato de incluírem esse campo no mapeamento da população já configura algum avanço. Em paralelo, há associações com alguns trabalhos publicados e que podem ser usados como referências.

A Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais, realizado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, pesquisou 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos, oriundos/as de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, com a exceção do estado do Tocantins e constatou que 60% destes se sentiam inseguros/as na escola no último ano por causa de sua orientação sexual, além de 73% terem sido agredidos/as verbalmente por causa de sua orientação sexual<sup>5</sup>.

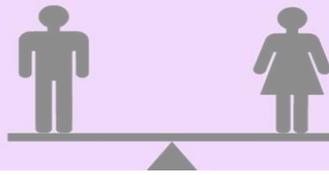
Diante desse cenário, orienta-se uma reflexão acerca da evasão escolar dessa população. Na verdade, tais práticas sendo reproduzidas na escola se configuram mais com uma expulsão escolar do que com evasão. O/a estudante não se sente motivado a permanecer num ambiente que mais do que hostil, é violento. A rotulação desses sujeitos em função de seus gêneros, sexualidades e raças impacta os seus desenvolvimentos humanos e morais. A



estigmatização e estereotipação reforçadas pelas práticas escolares implicam num processo de desumanização que orientam o sujeito a desabitarem aquele ambiente. Neste sentido, evadir é como um ato de dignidade.

Fonte: Elaboração da autora.

<sup>5</sup> Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>> Acesso em 21-05-2022



Seguindo ainda a reflexão sobre como a escola atua nessa reprodução/transformação da realidade, a proposta é permitir que professoras e professores reflitam sobre seu cotidiano. Para tal, sugere-se uma atividade que é uma adaptação da brincadeira “Eu já” e “Eu nunca”, e que, nesse caso, foi também incluído o “Eu pretendo”. Cada participante recebe cada uma dessas três plaquinhas e as frases são lançadas no quadro para que cada um admita se já fez/ouviu a frase (ou não), ou se pretende fazer/ouvir/falar. As frases usadas e sugeridas nessa atividade foram:

## Vamos brincar de “eu já” e “eu nunca” e “eu pretendo”?

- Escutei alguém na sala implicando com um coleguinha porque ele era o 24 da chamada?
- Vi dois meninos conversando e algum outro aluno gritando: “Olha o casalzinho.”?
- Vi colegas (Ou eu mesmo/a) chamarem uma pessoa trans pelo nome de registro mesmo sabendo da existência do seu nome social.
- Discuti em sala sobre a questão de sexualidade demonstrando a importância do respeito às diferenças.
- Percebi alunos/as mais introspectivos e excluídos por conta da sua sexualidade.
- Abordei a temática de diversidade sexual relacionando ao meu conteúdo.
- Vi alguém questionando as roupas de determinada aluna porque parecia muito “macho” e portanto associaram à “sapatão”.
- Soube de algum aluno que gostava de dançar e foi associado à homossexualidade por conta disso.
- Ouviu alguém falando “Sai do armário”



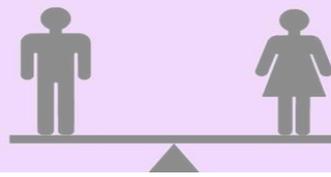
27

Fonte: Elaboração da autora

É possível problematizar sobre o número 24 da chamada ser sempre razão de implicância quando um menino ocupa tal posição, ou mesmo sobre meninos que gostam de dança e têm suas sexualidades questionadas por conta disso. A participação de professores e professoras ao longo da oficina poderá trazer ainda outros exemplos do cotidiano de cada grupo, mas, para além da dimensão sociocultural, trazida pelas experiências cotidianas, é exequível relacionar essas frases com estatísticas sobre essa população no ambiente escolar, tais como as já aqui apresentadas. É importante que as pessoas reflitam sobre sua realidade escolar. Sugere-se agora que pensem sobre as suas práticas pedagógicas como educador ou educadora.



Você consegue perceber se – consciente ou inconscientemente – você reproduz padrões de gênero e sexualidade, reforçando determinados modelos



de masculinidade, feminilidade e de sexualidade? Registre suas reflexões para que possamos debater juntos. O registro e debate dessas questões devem durar em torno de 15 a 20 minutos.

Depois desse momento, apresenta-se duas situações hipotéticas:

### Enquanto isso, no conselho de Classe...

#### SITUAÇÃO 1

Pedagoga: Como está Maria?

**Professor 1: Maria? Quem é Maria?**

**Professor 2: Aquela sapatão da sala.**

**Professor 1: Ah, siim.... Comigo ela passou.**

#### SITUAÇÃO 2

Pedagoga: Como está Pedro?

**Professor 1: Pedro? Quem é Pedro?**

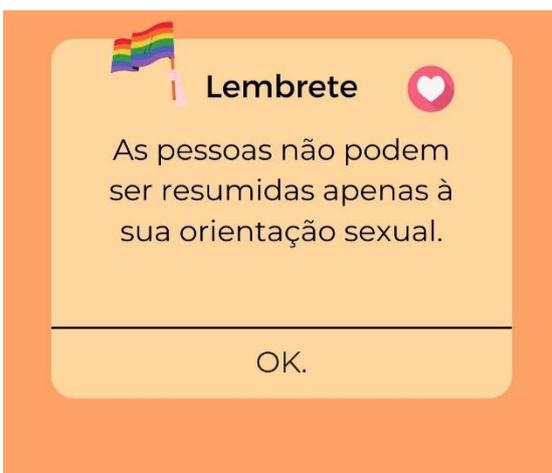
**Professor 2: Aquele que era Clara e agora é Pedro.**

**Professor 1: Ah não, gente. Para mim ainda é Clara. Não tenho aluno Pedro não. Acho isso um absurdo.**

20

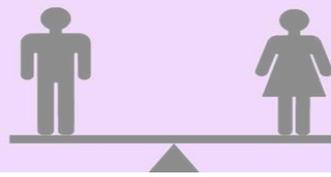
Fonte: Elaboração da autora

Essas situações hipotéticas, na verdade, com frequência são presenciadas em diferentes escolas. Trazer o cotidiano escolar para as oficinas tem o intuito de problematizar as relações sociais que se estabelecem nesse espaço. Apesar disso, é importante lembrar:



Fonte: Elaboração da autora





Como atividade final dessas oficinas, sugere-se que as/os participantes pensem juntos sobre temas e/ou atividades com as quais é possível relacionar as questões de gênero. Esse debate pode ser pensado na disciplina específica de cada professor/a ou então em parceria com outras áreas do conhecimento. No “Apêndice” você encontra um formulário que pode ser utilizado para que professores e professoras registrem suas reflexões. Nele há dois exemplos iniciais: “Revolução Francesa” e “IST’s”, mas é possível que se fale outros exemplos para inspirar. Lembrar, por exemplo, que a violência é uma outra preocupação que mulheres refugiadas precisam carregar consigo. Não bastasse a violência que as leva a deixar seus países de origem, outras formas de violência as recebem em seus novos lares (ainda que temporários<sup>6</sup>).

Como sugestão para inspirar outras práticas, propomos que você conheça as ilustrações *Coisa de Mulher*, de Raquel Vitorelo. Nela, há a apresentação de uma série de coisas feitas/descobertas por mulheres e serve também para problematizar as questões de gênero. A imagem ao lado, assim como outras, está disponível em:

<https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=10375&noticia=artista-cria-serie-de-ilustracoes-para-mostrar-que-coisa-de-mulher-e-o-que-ela-quiser>>

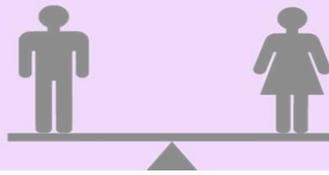
Acesso em 30-05-2022.



## AVALIAÇÃO

Após esse momento, as/os participantes recebem o link do Google Formulários para que façam a avaliação da formação inteira, apresentando críticas e sugestões para que este momento possa ser replicado em outras circunstâncias.

<sup>6</sup> O trabalho a seguir pode ser usado como apoio nos seus estudos sobre o tema. ALMEIDA DE GÓES, E. D.; VILAS BÔAS BORGES, A. . Entre a cruz e a espada: múltiplas violências contra mulheres refugiadas. **SER Social**, [S. l.], v. 23, n. 49, p. 318–337, 2021. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/35871](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/35871). Acesso em: 6 jun. 2022.



## PARA SABER MAIS

- O filme Moxie está disponível na Netflix e mostra uma revolução iniciada quando uma adolescente tímida começa a publicar textos anônimos denunciando os machismos presentes na escola. Pode ser uma interessante estratégia para trabalhar inclusive com estudantes do ensino médio.



**ME INDICA**

Um filme ou série para assistir

- ✓ **Série Fala Direito Comigo: violência de gênero** – <https://www.youtube.com/watch?v=U3qR8IYetVE>> Acesso em 01-06-2022.
- ✓ **Feminismo Negro e Filosofia - Djamila Ribeiro (Mulheres na Política)** <https://www.youtube.com/watch?v=u56gUXbdH2Q>> Acesso em 01-06-2022.
- ✓ **Violência Doméstica, 2 Minutos para Entender - Super Interessante** - <https://www.youtube.com/watch?v=jv7FWOmMU70>> Acesso em 01-06-2022.
- ✓ **Sejamos todos feministas (Chimamanda Ngozi Adichie)** <http://bit.ly/1Xqbj3G>> > Acesso em 01-06-2022.

- A série “Mulheres fantásticas”, produzida pela TV Globo traz a história de importantes mulheres na história da humanidade e pode ser usada como inspiração para outras tantas mulheres fantásticas. No link abaixo, você encontra a play list desses vídeos:

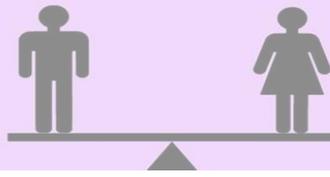
<https://www.youtube.com/watch?v=rWelqzXh7jo&list=PLJCj3um-82zPKKcPz4q1luO9Vcj3hBFTH>> Acesso em 01-06-2022.

- O vídeo “Girls education: elas que lutam”, mostra a organização de meninas em uma escola rural e uma escola urbana para discutirem sobre gênero e as demandas das mulheres tanto na escola quanto no seu cotidiano fora dela. <https://www.youtube.com/watch?v=uhqfLcXKAnw>> Acesso em 01-06-2022.

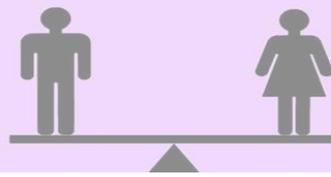


- O curta “Absorvendo o Tabu” ganhou o Oscar em 2019 e conta a

história de como foi desenvolvida uma máquina para fazer absorventes biodegradáveis e de baixo custo nos vilarejos indianos. Além de dignidade menstrual, a máquina também se torna fonte de renda para muitas dessas mulheres. Discutindo sobre tabus da menstruação, o filme nos convida a conhecer uma diferente realidade e cultura, mas que tem o patriarcado em comum. O curta está disponível na Netflix.



## Apêndices

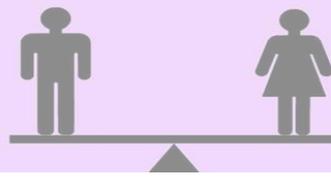


## OFICINA 1 – APÊNDICE A

Publicado em 1955 pela revista *Housekeeping Monthly*, como um artigo que ditava o que a mulher deveria fazer para ser boa com seu marido e filhos.

### **O GUIA DA BOA ESPOSA**

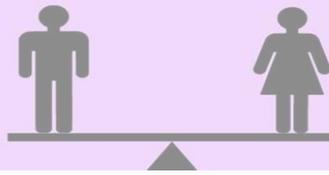
1. Tenha o jantar sempre pronto. Planeje com antecedência. Esta é uma maneira de deixá-lo saber que se importa com ele e com suas necessidades.
2. A maioria dos homens estão com fome quando chegam em casa, e esperam por uma boa refeição (especialmente se for seu prato favorito), faz parte da recepção calorosa.
3. Separe 15 minutos para descansar, assim você estará revigorada quando ele chegar. Retoque a maquiagem, ponha uma fita no cabelo e pareça animada.
4. Seja amável e interessante para ele. Seu dia foi chato e pode precisar que o anime e é uma das suas funções fazer isso.
5. Coloque tudo em ordem. Dê uma volta pela parte principal da casa antes do seu marido chegar. Junte os livros escolares, brinquedos, papel, e em seguida, passe um pano sobre as mesas.
6. Durante os meses mais frios você deve preparar e acender uma fogueira para ele relaxar. Seu marido vai sentir que chegou a um lugar de descanso e refúgio. Afinal, providenciando seu conforto, você terá satisfação pessoal.
7. Dedique alguns minutos para lavar as mãos e os rostos das crianças (se eles forem pequenos), pentear os cabelos e, se necessário, trocar de roupa. As crianças são pequenos tesouros e ele gostaria de vê-los assim.
8. Minimizar os ruídos. Quando ele chegar desligue a máquina de lavar, secadora ou vácuo. Incentive as crianças a ficarem quietas.
9. Seja feliz em vê-lo. O receba com um sorriso caloroso, mostre sinceridade e desejo em agradá-lo. Ouça-o.
10. Você pode ter uma dúzia de coisas a dizer para ele, mas sua chegada não é o momento. Deixe-o falar primeiro, lembre-se, os temas de conversa dele são mais importantes que os seus.
11. Nunca reclame se ele chegar tarde, sair pra jantar ou outros locais de entretenimento sem você. Em vez disso, tente compreender o seu mundo de tensão e pressão dele, e a necessidade de estar em casa e relaxar.
12. Seu objetivo: certificar-se de que sua casa é um lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito.
13. Não o cumprimente com queixas e problemas.
14. Não reclame se ele se atrasar para o jantar ou passar a noite fora. Veja isso como pequeno em comparação ao que ele pode ter passado durante o dia.
15. Deixe-o confortável. Faça com que ele se incline para trás numa cadeira agradável ou deitar-se no quarto. Dê uma bebida fria ou quente pronta para ele.
16. Arrume o travesseiro e se ofereça para tirar os sapatos dele. Fale em voz baixa, suave e agradável.



**17.** Não faça-lhe perguntas sobre suas ações ou que questionem sua integridade. Lembre-se, ele é o dono da casa e, como tal, irá sempre exercer sua vontade com imparcialidade e veracidade. Você não tem o direito de questioná-lo.

**18.** Uma boa esposa sabe o seu lugar.

Agora, considerando o tempo atual e os debates sobre a igualdade de gênero, reescreva dois desses preceitos tornando-os mais justos e igualitários do ponto de vista das relações de gênero.



### OFICINA 3 – APÊNDICE B

#### NO PAÍS DE BLOWMINSK

Blowminsk é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo ou atração nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver.

Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowminsk, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowminsk e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fossem até expulsos da escola. Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude.

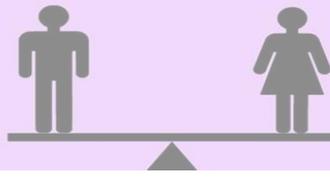
Mas uma tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hetero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. (...) Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina, mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowminsk. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente. Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitassem o seu desejo.

“No país de Blowminsk”. In: PICAZIO, Cláudio. *Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998, pp. 36-37.

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a sociedade descrita no texto e a nossa?
- De que maneira a escola poderia atuar para diminuir o sofrimento daqueles que estão marginalizados nessa lógica?



Oficina 3 – Apêndice C

**EU JÁ**

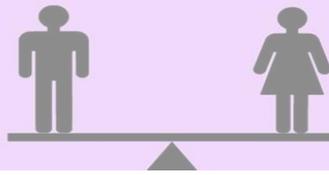


**EU  
NUNCA**



**EU  
PRETENDO**

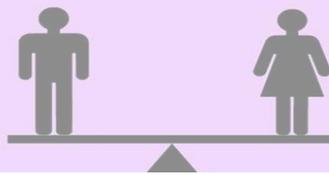




### Oficina 3 – Apêndice D

Atividade para pensar a inclusão da temática de gênero e diversidade sexual nas diferentes áreas/disciplinas.

<b>CONTEÚDO</b>	<b>COMO INSERIR GÊNERO</b>
Exemplos: 1- Revolução Francesa (História)  2- ISTs e gravidez na adolescência	1 - Apresentar a luta pela conquista dos direitos das mulheres que culminou, inclusive, na Lei Maria da Penha, Lei do Feminicídio. 2 - Lembrar que relações homoafetivas não apresentam riscos de gravidez, mas podem transmitir ISTs, por isso, também precisam ser protegidas.



## APÊNDICE E – SLIDES USADOS NAS OFICINAS

1

# Oficina 1

Falar de gênero é falar de ciência: aspectos sócio-históricos de gênero



1

### OBJETIVO GERAL

- Contribuir com profissionais da educação no enfrentamento das desigualdades educacionais no que diz respeito às questões de gênero e diversidade sexual.

3

2



Camila Dalvi Venturim  
Orientação: Dra Rosemeire dos Santos Britto  
Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo



2022

2

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 01 Compreender o percurso histórico de construção do conceito de gênero.
- 02 Identificar e desconstruir possíveis estereótipos de gênero.
- 03
- 04
- 05

4

### O que você gostaria de aprender num momento formativo sobre gênero?



5

### O QUE VOCÊ ENTENDE POR GÊNERO?



6

### Porque falar de gênero na escola?



[https://humanas.blog.ufes.br/wp-content/uploads/2020/05/Post\\_5\\_imagem.png](https://humanas.blog.ufes.br/wp-content/uploads/2020/05/Post_5_imagem.png)

7

*Falar sobre gênero na escola é fundamental para colaborar na construção de uma sociedade mais igualitária, enfrentando desigualdades, discriminações e violências que prejudicam e destroem a vida de tantas pessoas no país.*

8



## Porque falar de gênero na escola?

### 1- Porque está na Lei



<https://humilha.judbr.com/vimg/publicacoes/imagens/7596319049003304189948a0a09>

9

## CONSTITUIÇÃO DE 1988

- Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.
- Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
- I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constitucao/constitucao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucao/constitucao.htm)

10

## LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - **igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;**
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - **respeito à liberdade e apreço à tolerância;**
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

11

## Estatuto da criança e do adolescente

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, **sexo**, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. **(incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)**

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069.htm)

12

## LEI MARIA DA PENHA – 11340/2006

- Art. 2º A política pública que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher far-se-á por meio de um conjunto articulado de ações da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e de ações não-governamentais, tendo por diretrizes:
- II - a **promoção de estudos e pesquisas, estatísticas e outras informações relevantes, com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia, concernentes às causas, às consequências e à frequência da violência doméstica e familiar contra a mulher, para a sistematização de dados, a serem unificados nacionalmente, e a avaliação periódica dos resultados das medidas adotadas;**
- III - o **respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimam a violência doméstica e familiar, de acordo com o estabelecido no inciso III do art. 1º, no inciso IV do art. 3º e no inciso IV do art. 221 da Constituição Federal;**
- V - a **promoção e a realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral, e a difusão desta Lei e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos das mulheres;**
- VIII - a **promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de irrestrito respeito à dignidade da pessoa humana com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia;**
- IX - o destaque, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, para os conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)

13

## MANDADO DE INJUNÇÃO 4.733 DISTRITO FEDERAL - 2019

Equipara homofobia a crime de racismo

1. É atentatório ao Estado Democrático de Direito qualquer tipo de discriminação, inclusive a que se fundamenta na orientação sexual das pessoas ou em sua identidade de gênero.
2. O direito à igualdade sem discriminações abrange a identidade ou expressão de gênero e a orientação sexual.

<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=753957476>

14

## RESOLUÇÃO Nº 1, DE 19 DE JANEIRO DE 2018

Define o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares.

Art. 3º Alunos maiores de 18 (dezoito) anos podem solicitar o uso do nome social durante a matrícula ou a qualquer momento sem a necessidade de mediação.

Art. 4º Alunos menores de 18 (dezoito) anos podem solicitar o uso do nome social durante a matrícula ou a qualquer momento, por meio de seus representantes legais, em conformidade com o disposto no artigo 1.690 do Código Civil e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=81001-rcp001-18-pdf&category\\_slug=janeiro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=81001-rcp001-18-pdf&category_slug=janeiro-2018-pdf&Itemid=30192)

15

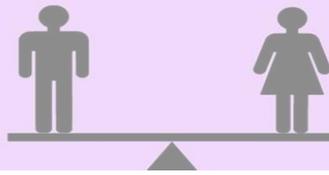
## Porque falar de gênero na escola?

- 2 - 64% da população conhece uma mulher ou menina que já foi vítima de estupro.
- 3- 81% das mulheres já sofreram violência em seus deslocamentos pela cidade
- 4 - Brasil é o país que mais mata homossexuais no mundo, segundo dados compilados pelo GGB (Grupo Gay da Bahia).
- 5- Expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos.
- 6- Apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de covid-19 no país, e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino.

16







**Força, inteligência e competitividade,**  
X  
**Sensibilidade, beleza e a capacidade de cuidar.**

[https://miro.medium.com/max/800/0\\*E1dZzHrY7ka0Ucz.jpg](https://miro.medium.com/max/800/0*E1dZzHrY7ka0Ucz.jpg)

33

## Feminização do magistério

**VOCÊ SABIA?**  
De 1930 até 2020 passaram 67 homens pelo Ministério da Educação no Brasil e apenas uma única mulher?

Eather de Figueiredo Ferraz que foi ministra de 24/08/82 a 15/03/85 no governo de João Figueiredo durante a ditadura militar no Brasil. Ela era uma mulher branca e filha de fazendeiro e foi também a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Também foi professora de Direito Judiciário Penal da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie.

<https://www.gov.br/mec/pt-br/area-de-informacao/institucional/galeria-de-ministros/ministra-eather-de-figueiredo-ferraz>  
Acesso em 24-05-2022

34

### O que a escola poderia fazer em relação às questões de gênero?

- Questionar estereótipos e preconceitos sobre os projetos de vida e perspectivas de carreira profissional estimulando as potencialidades individuais independente de gênero, classe ou etnia.
- Contribuir para minimizar as desigualdades e violências de gênero.
- Não reforçar a masculinidade hegemônica.

[https://midias.correiobrasiliense.com.br/\\_midia/pg/2022/03/08/6754450/1\\_igualdade\\_de\\_genero-7554983.jpg?20220308110852/20220308110852](https://midias.correiobrasiliense.com.br/_midia/pg/2022/03/08/6754450/1_igualdade_de_genero-7554983.jpg?20220308110852/20220308110852)

35

## Obrigada!!!

Meestranda: Camila Dalvi Venturim  
Orientadora: Dra Rosemeire Santos Britto

2022

36



# Oficina 2

LGBTQIA+: O alfabeto do amor.

1

UFES  
Universidade Federal do Espírito Santo

educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Camila Dalvi Venturim  
Orientação: Dra Rosemeire dos Santos Britto  
Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

2

OBJETIVO GERAL

Identificar as diferentes possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero entendendo como elas são atravessadas pela violência em suas variadas formas.

3

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 01 Desnaturalizar diferentes formas de violências encontradas ao longo da socialização dos sujeitos.
- 02 Compreender a importância de políticas sólidas e da aplicabilidade da legislação para a promoção da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual.
- 03 Discutir sobre as possibilidades de abordagem das questões de gênero e sexualidade nas aulas sob uma perspectiva de Direitos Humanos.
- 04
- 05

4

TEMA

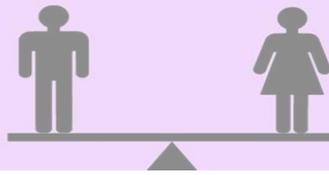
Diversidade sexual e identidade de gênero e as recorrentes formas de expressão das violências.

5

Atividade do último encontro

Vocês deverão, ao longo da semana observar na televisão ou meio de comunicação que você acesse, anúncios publicitários, novelas e seriados que tenham famílias como personagens. Observem que tipo de famílias são essas (brancas, negras, indígenas ou interraciais, hetero ou homoafetivas)? Quais papéis os membros dessa família desempenham? Há diferenças de gênero? Não se esqueça de anotar para compartilharmos na próxima semana.

6



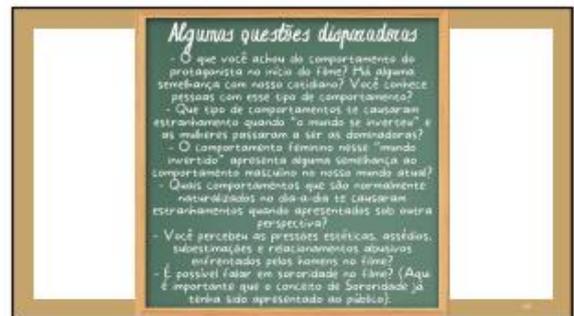
7



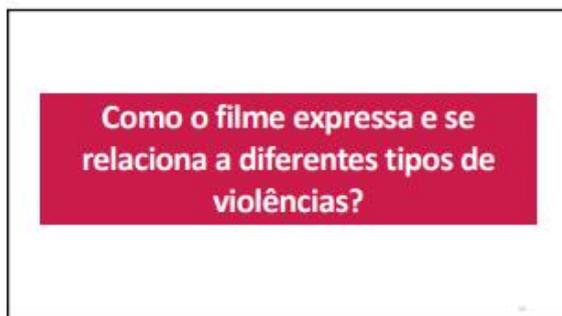
8



9



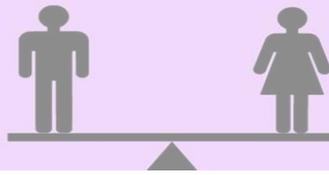
10



11



12



### Como a escola pode ajudar em casos de violência?

- 01 Oferecer ajuda para a vítima e escutar sua versão sem julgar;
- 02 Apresentar soluções institucionais e legais disponíveis;
- 03 Reforçar que ela é vítima e não culpada pela violência que sofreu;
- 04 Orientar que procure ajuda e denúncia em delegacias, Conselho Tutelar e procure ajuda e serviços como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

13

### NUVEM DE PALAVRAS

[www.menti.com](http://www.menti.com)

14

### O que é diversidade sexual? E identidade de gênero?

- ✓ A identidade de gênero, refere-se à maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para o mundo e, nem sempre é em conformidade com seu sexo biológico.
- ✓ Diversidade sexual: diferentes possibilidades de expressão da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. A heterossexualidade é apenas uma entre outras formas de sexualidade. Ela é ainda mais legitimada pela associação que se faz entre sexo e procriação.

15

<http://www.mt.gov.br/media/codi/index.php?page=apresentacao>

16

### LGBTQIA+, que isso?

17

imagem: digitalart.com

18



### Mudanças da Sigla

- GLS - Gays, lésbicas e simpatizantes
- LGBT (2008) - Lésbicas, gays e bissexuais (Diversidade sexual) se somaram a identidade de gênero (Trans).
- LGBTQIA+ - Lésbicas, gays e bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, interssexuais, assexuais e outras expressões e identidades não contempladas.

19

Ao longo da história as referências LGBTQIA+ que são mais populares estão na televisão e elas aparecem muitas vezes com a veia humorística, sob forma de piada.

<https://p1.topi.com/images/lgbt/10548/0/images.terra.com/2014/10/22/sana.jpg>  
Acesso em 05-05-2022

20

### HOMOSSEXUALIDADE

Já foi entendida como:

- Aberração sexual
- Distúrbio psiquiátrico ou pecado religioso
- Patologia biológica
- Comparados a pedófilos

21

### E hoje? Será "que vai ser diferente, que tudo mudou?"

Leis sobre orientação sexual no mundo

Estudo feito pela Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Trans e Interssexuais, com sede na Suíça

Leis sobre orientação sexual na América Latina

22

### HOMOSSEXUALIDADE

- Entre os países que criminalizam as relações sexuais consensuais entre pessoas do mesmo sexo:
- Em 70 países as relações sexuais entre pessoas adultas do mesmo sexo são ilegais ou são penalizadas na prática. Desses países, **26 castigam só os homens;**
- 11 países castigam com a pena de morte as pessoas adultas do mesmo sexo que mantêm relações sexuais consensuais, ou, tecnicamente, essa é uma pena possível;
- 26 países têm penas que vão desde os **10 anos de prisão** à cadeia perpétua;
- 31 países penalizam com até 8 anos de prisão;

\*A BGA também colheu dados sobre as chamadas "terapias de conversão". Só três países do mundo as proíbem explicitamente: Brasil, Equador e Itália.

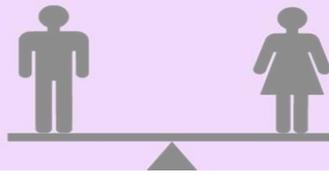
<https://www36.com/brasil/quebra-cabeça-588826/> Acesso em 05-05-2022

23

### O mistério da homossexualidade em animais

Durante a temporada de acasalamento de inverno, a competição por parceiros de machos operários de um colmeia de abelhas operárias que não são férteis, mas facilitada com outros machos.

24



**BISSEXUALIDADE**

- Pessoas bissexuais sentem atração tanto pelo gênero masculino quanto pelo gênero feminino.



[https://globo.com/brasil/na-voz/brasil/na-voz/2022/05/26/pela-primeira-vez-uma-pesquisa-ibge-tenta-mapear-a-orientacao-sexual-dos-brasileiros\\_globo/](https://globo.com/brasil/na-voz/brasil/na-voz/2022/05/26/pela-primeira-vez-uma-pesquisa-ibge-tenta-mapear-a-orientacao-sexual-dos-brasileiros_globo/) Acesso em 30-05-2022

25

**g1** JORNAL DA GLOBO

**Pela primeira vez uma pesquisa do IBGE tenta mapear a orientação sexual dos brasileiros**

Atualmente, no Brasil, quase 3 milhões de pessoas se dizem gays, lésbicas ou bissexuais - é o equivalente a 1,3% da população. Avisos alertam que pode haver subnotificação.

Por Jornal da Globo  
30-05-2022 09:07 - Atualizado há 4 dias

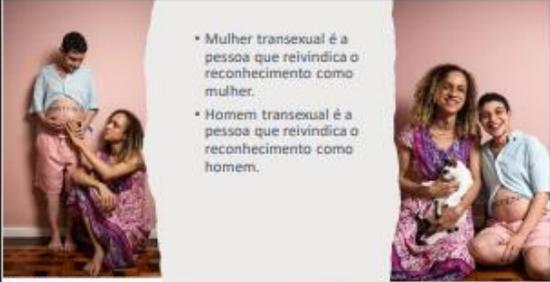
[https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/05/26/pela-primeira-vez-uma-pesquisa-ibge-tenta-mapear-a-orientacao-sexual-dos-brasileiros\\_globo/](https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/05/26/pela-primeira-vez-uma-pesquisa-ibge-tenta-mapear-a-orientacao-sexual-dos-brasileiros_globo/) Acesso em 30-05-2022

26

**TRANSEXUALIDADE**

- É uma questão de identidade.
- Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa.
- Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa.
- Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão

27



- Mulher transexual é a pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher.
- Homem transexual é a pessoa que reivindica o reconhecimento como homem.

Bia e Lara chegam perto Bia de Trêve  
Bia e Lara estão com o quarto filho

28



É difícil representar Trêve e Instagram fotografar a Bia e a Lara e se dar uma ideia sobre o Brasil.

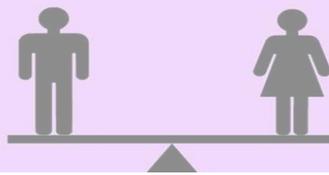
Ana Carolina Apocarpae (@marcarolapocarpae) · 8 de mai  
2022 Chegou dia 10 de maio no 12º maior lançamento, sessent e sete milhões. Já nasceu e tem acesso aos medicamentos.  
O Brasil está ganhando um milhão de vidas obrigada a ser transsexual porque das mulheres. Para combater a desigualdade que ainda está presente. O Brasil é o céu azul. 🌈

29

**Darcy Ribeiro em "Lições de Humanismo dos Índios do Brasil"**

“Há documentos já do século passado sobre a existência de homossexualismo (sic) entre tribos do Brasil. Inclusive entre os cadiuêu que eu estudei. Eles chamam o homossexual de kudina. O kudina é um homem mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher – e menstrua”. (RIBEIRO, s/d,p.44)

30



### As travestis, sim. Os travestis, não.

- Travestis são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres e sim, como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.
- É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultoso serem adjetivadas no masculino.
- O termo é mais comum na América Latina.
- Nem toda travesti é profissional do sexo.

31

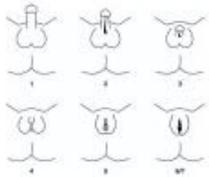
### Androginia, Não Binário



32

### Intersexuais

- É o termo usado para descrever pessoas que nascem com características sexuais biológicas que diferem das características típicas de feminino ou masculino, ou ainda mescla características das duas, com variações genéticas.



33



Desde 1968, o COI insereia testes para atletas mulheres, visando assegurar-se a feminilidade (conjunto de características que determinam a mulher cultural e biologicamente) versus a status de competição masculina.

A princípio, as avaliações eram realizadas com os métodos mais, em frente o especialistas, em uma situação bastante vacilante, pois a maioria do grupo que fazia as análises era formada por homens, que basicamente analisavam os ossos, o fígado e o fêmur de andar. Após anos de lutas e revoltas das atletas, o Comitê substituiu o método por testes hormonais.



Essa prática era pouco conhecida pelos brasileiros até 1996, quando, a atleta judoca Edinara Silva conseguiu a vaga para os jogos olímpicos daquele ano. Após insucessos de técnicas que visam a atuação da judoca nos estaduais, o COI impôs uma série de testes para definir se a lutadora poderia participar ou não da competição em Atlanta. Edinara era insuspeita, no seja, possuía características dos dois sexos e precisou se submeter a inúmeras testes e até intervenções cirúrgicas, as quais violaram seu corpo, para poder competir no esporte que ama.

Em 2005 conseguiu medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2005, em Santo Domingo, República Dominicana, e prata no Rio 2007. Obteve ainda duas medalhas de bronze no Campeonato Mundial de Judo, nas edições de 1997 e 2003.

34

### Assexuais

- É o termo usado para descrever pessoas que não sentem atração sexual, e às vezes nem atração romântica nem por um gênero, nem por outro.
- Tende a ser uma experiência muito solitária.



35

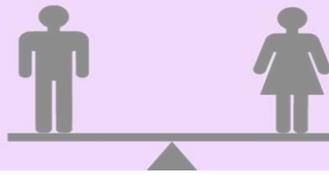
### Pansexuais

- É o termo usado para descrever pessoas que sentem atração sexual por pessoas de todos os tipos de gênero ou orientação sexual



36





### NOME SOCIAL

- Nome pelo qual as travestis e pessoas trans se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero

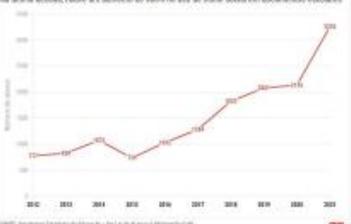


<https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/177806/nome-social.jpg?Sec54728-c6269-d967-7972-bfa354533dbd?i=1648949554E46>

7

### Nome social nas escolas públicas

Na última década, houve um aumento de 307% no uso de nome social em documentos escolares



Amazonas, Ceará e Paraíba informaram que, apesar da disponibilidade do campo de "nome social" no sistema, verificou-se que ele era preenchido incorretamente – alguns com nome dos pais ou até mesmo apelidos dos alunos. Assim, não há como precisar a quantidade de pessoas que solicitaram o uso de seus verdadeiros nomes sociais. Já Maranhão, Minas Gerais, Roraima e Sergipe, comunicaram que não possuem essas informações no sistema.

<https://www.inecniol.com.br/naconai/brasil-307-no-uso-de-nome-social-em-escolas-publicas-no-ultimo-decada/>

8

### Drag Queen/King, Transformista

- Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações.
- O termo mais antigo, usado no Brasil para tratar essas/es artistas é transformistas.
- Drag queens/king são transformistas que vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade.



Guilherme Terrieri dá vida à personagem Rita Von Hunty para seu canal no YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UCm0wv0r18qDn0u0z00a>) onde ela dá aulas sobre variados temas ligados à literatura, sociologia, antropologia, inclusive estereótipos de gênero.

<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conteca-cita-von-hunty-e-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>

9

### LGBTQIA+fobia E ESCOLA



<https://i1.static.brasilecola.usil.com.br/br/contenuto/images/30997ef8b71d02b43679a3d6e6d8c2b.jpg>

10

### Bingo da homofobia na escola



Quantos desses vocábulos já ouviram no ambiente escolar?

11

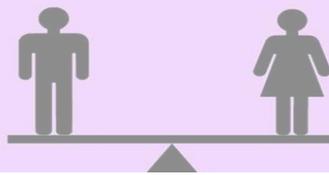
### Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015

A amostra composta por um total de 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos, oriundos/as de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, com a exceção do estado do Tocantins.

- 60% se sentiam inseguros/as na escola no último ano por causa de sua orientação sexual.
- 48% ouviram com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus pares
- 73% foram agredidos/as verbalmente por causa de sua orientação sexual.
- 68% foram agredidos/as verbalmente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero.
- 56% dos/das estudantes LGBT foram assediados/as sexualmente na escola
- 36% dos/das respondentes acreditaram que foi "ineficaz" a resposta dos/das profissionais para impedir as agressões.

Associação Brasileira de Educação, Cetes, Brancos, Terezi e Terezi. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens de baixa, média, alta e alta renda em contextos escolares. Curitiba: ABCE, 2016. Disponível em: <http://www.pesquisanacional.org.br/contenuto/brasil-2015-2015-1.pdf>. Acesso em 21.06.2021

12



Para a gente pensar...

**Nem sempre é evasão escolar. Às vezes é expulsão mesmo**

Alunos e alunas são constantemente rotulados por seus gêneros, sexualidades, raças e isso impacta o desenvolvimento humano e moral desses sujeitos, sobretudo por serem submetidos a brutais processos de desumanização.

13

Morte de filho da cantora Wallyria Santos após bullying. Virtual gera debate sobre jovens na internet

No Instagram da Wallyria Santos é possível encontrar um vídeo emocionante dessa mãe lamentando a morte de seu filho.

[https://www.instagram.com/p/C3F3Mg54h0M/?utm\\_source=embed\\_kdm\\_campaign\\_embed\\_video\\_watch\\_video](https://www.instagram.com/p/C3F3Mg54h0M/?utm_source=embed_kdm_campaign_embed_video_watch_video) Acesso em 25-05-2022.

14

**Vamos brincar de "eu já" e "eu nunca" e "eu pretendo"?**

- Escutei alguém na sala implicando com um coleguinha porque ele era o 24 da chamada?
- Vi dois meninos conversando e algum outro aluno gritando: "Cilha o casolinho?"
- Vi colegas (Do eu mesmo/a) chamarem uma pessoa trans pelo nome de registro mesmo sabendo da existência do seu nome social.
- Discuti em sala sobre a questão de sexualidade demonstrando a importância do respeito às diferenças.
- Percabei alunos/as mais introspectivos e excluídos por conta da sua sexualidade.
- Abordei a temática de diversidade sexual relacionando ao meu conteúdo.
- Vi alguém questionando as roupas de determinada aluna porque parecia muito "macho" e portanto associaram à "lesbada".
- Soubes de algum aluno que gostava de dançar e foi associado à homossexualidade por conta disso.
- Ouvii alguém falando "Sai do armário"

15

*A omissão da escola também é uma forma de violência e contribui com as estatísticas de baixa expectativa de vida da população trans.*

16

**NÃO HÁ CURA PARA O QUE NÃO É DOENÇA.**

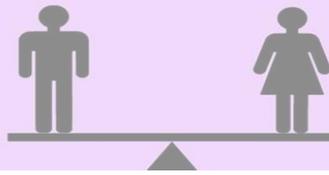
Imagem disponível em: <https://psicologiativa.ufrpe.com/one-page-layout-pt/single-post/2017/06/19/nao-ha-cura-para-o-que-nao-e-doenca?fbclid=IwAR13oA8-5c3NAB-doevNCPSA7a> Acesso em 24-05-2022

17

ENTÃO, QUAL DE VOCÊS É O GARFO?

Imagem disponível em: [https://www.instagram.com/p/C3F3Mg54h0M/?utm\\_source=embed\\_kdm\\_campaign\\_embed\\_video\\_watch\\_video](https://www.instagram.com/p/C3F3Mg54h0M/?utm_source=embed_kdm_campaign_embed_video_watch_video) Acesso em 24-05-2022

18



### ATIVIDADE

✓ Você consegue perceber se – consciente ou inconscientemente – você reproduz padrões de gênero e sexualidade, reforçando determinados modelos de masculinidade, feminilidade e de sexualidade nas suas aulas?

Registre suas reflexões para que possamos debater juntos.

19

### Enquanto isso, no conselho de Classe...

**SITUAÇÃO 1**  
Pedagoga: Como está Maria?  
Professor 1: Maria? Quem é Maria?  
Professor 2: Aquela sapatinho da sala.  
Professor 1: Ah, sim... Comigo ela passou.

**SITUAÇÃO 2**  
Pedagoga: Como está Pedro?  
Professor 1: Pedro? Quem é Pedro?  
Professor 2: Aquele que era Clara e agora é Pedro.  
Professor 1: Ah não, gente. Para mim ainda é Clara. Não tenho aluno Pedro não. Acho isso um absurdo.

20

### Importante lembrar

**As pessoas não podem ser resumidas apenas à sua orientação sexual.**

**A identidade de gênero de uma pessoa deve e precisa ser respeitada.**

21

### Frases que você pode usar para apoiar e apoiar as mulheres a praticarem

- Você está me interrompendo.
- Eu não me sinto confortável.
- Eu não acho que você fale comigo assim.
- Eu não sou obrigado.
- Não leve o dedo para mim.
- Não tem graça nenhuma.

**Não!!!!**

22

### ATIVIDADE

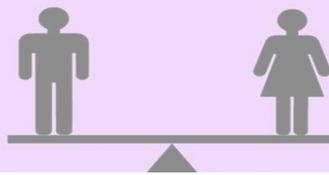
✓ É hora de pensarmos juntos, quais assuntos, temas e atividades podem ser incluídos na sua disciplina ou então junto com outra(s) disciplina(s) para que a discussão sobre gênero esteja presente.

Façam duplas ou trios e registrem.

23

### Sugestões de materiais para serem trabalhos em sala.

24



**PARA SABER MAIS:**



A série "Mulheres Fantásticas", produzida pela TV Globo traz a história de importantes mulheres na história da humanidade e pode ser usada como inspiração para outras tantas mulheres fantásticas. No link abaixo, você encontra a play list desses vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=r76tq5X7j8k&list=PL3C3ka0-K27KkCp2A41ta9WVc01h8FTT1> Acesso em 30-05-2022.



**cosa de mulher**  
**SOBREVIVER E CONTAR, PARA SALVAR OUTRAS MULHERES.**

Ilustrações Cosa de Mulher, da Raquel Vitorino apresenta uma série de cenas feitas desenhadas por mulheres e serve também para problematizar os question de gênero. Imagens disponíveis em: <https://www.alfarrucos.com.br/noticias/2021/08/10/5774.html?article=crisis-nome-de-ilustracao-por-mulheres-que-cosa-de-mulheres-cosque-ela-gaia> Acesso em 30-05-2022

25

**No país de Blowmink**

VAMOS PENSAR UM POUQUINHO?




**Tempo: 20min**

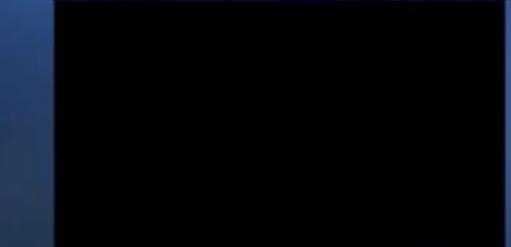
<https://thumbs.gfycat.com/Bruidad3ifcutDeer-max-1mb.gif>

26

- Eu quero presentear A minha linda donzela Não é praia nem é ouro É uma coisa bem singela
- Vou comprar uma faixa amarela Bordada com o nome dela E vou mandar pendurar Na entrada da favela
- Eu quero presentear A minha linda donzela Não é praia nem é ouro É uma coisa bem singela
- Vou comprar uma faixa amarela Bordada com o nome dela E vou mandar pendurar Na entrada da favela
- E para gente se casar Vou construir a capela Dentro de um lindo jardim Com flores, lago e pinguela
- Sem falar na tal faixa amarela Bordada com o nome dela Que eu vou mandar pendurar Na entrada da favela
- [-]
- Mas se ela vacilar Vou dar um castigo nela Vou lhe dar uma banda de frente Quebrar cinco dentes e quatro costelas
- Vou pegar a tal faixa amarela Gravada com o nome dela E mandar incendiar Na entrada da favela
- [-]
- Vou comprar uma cana bem forte Para esquentar suas goela E fazer uma tira-gosto Com galinha à caibada
- Sem falar na tal faixa amarela Bordada com o nome dela
- Que eu vou mandar pendurar Na entrada da favela
- Eu quero presentear A minha linda donzela Não é praia nem é ouro É uma coisa bem singela
- Vou comprar uma faixa amarela Bordada com o nome dela E vou mandar pendurar Na entrada da favela
- Fonte: [Muzmatch](#)
- Compositores: Zeca Pagodinho / Luiz Carlos / Beto Guio / Jesse Pa
- Letra de Faixa Amarela © Mercury Prod. E Ed. Musical Ltda.

27

Confira a música L80.



28

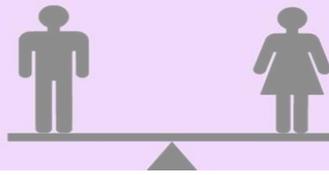


29

**FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS OFICINAS**

- Este é o momento destinado à avaliação do processo de formação.

30



## REFERÊNCIAS

ABLGBT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

ANDRÉ, Marli. A Formação do Pesquisador da Prática Pedagógica. **Revista da UNEB**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 30-41, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/download/2300/1605>

CARVALHO, Tatiana; VIANNA, Cláudia Pereira. **Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades**. 2018. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06072018-093210/> >.

DELORS, Jacques e outros. **Educação: um tesouro a descobrir** – 5 eds. – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GATTI, B. A. A Pesquisa em Mestrados Profissionais. Apresentação no I FOMPE – I Fórum de Mestrados Profissionais em Educação. UNEB, Salvador, março, 2014.

RIBEIRO, R.J. O Mestrado Profissional na Política Atual da Capes. Brasília, RBPG, v.2, n.4, 2005, 8-15

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: contexto, 1997. P.443-481.

MORAES, I. M.; FREITAS, N. M. S.; BARATA, E. R. V.; FREITAS, N. M. S. *Formação de professores e os direitos humanos: interrogando a violência contra a mulher*. Revista Eletrônica de Educação, v.15, 1-19, e4519020, jan./dez. 2021.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 11 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Lições de humanismo dos índios do Brasil*. S/D.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, CEBRAP, 79, novembro 2007, p. 71-94. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 20/07/2021.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. *cadernos pagu* (17/18) 2001/02: pp.81-103.

